

63

PADO



SORAYA CHAVEZ *MANO MANO*
PAUL B. PRECIADO UAU PROJECT



camisa em pele e calças de algodão COS
trench em napa RELISH
kimono em seda estampada A OUTRA FACE DA LUA

collants em mousse CALZEDONIA
sandálias em pele PRIMARK

SORAIA CHAVES

O que te faz pensares seres uma mulher do teu tempo?
É engraçada a pergunta porque eu costumo dizer, em tom de

piada mas não isenta de um certo orgulho, que fiquei presa no século passado. Gosto muito de preservar hábitos da era pré-internet. Por exemplo: devo ser a única pessoa que conheço que consegue e gosta de viver sem um smartphone. Sou contemplativa, gosto de ouvir álbuns do princípio ao fim, ler o jornal

em papel, ver um filme numa sala de cinema e, sobretudo, gosto de olhar as pessoas nos olhos quando comunico com elas. Porém, se há algo que me faz sentir uma mulher do meu tempo é a minha liberdade.



camisa em cetim de seda COS
blazer em lã GIOVANNI GALLI
kimono em seda estampada A OUTRA FACE DA LUA

cinto em pele ELISABETTA FRANCHI
saia em algodão e brincos em resina COS

Uma coisa do nosso tempo que te deixa a pensar?
A urgência em travar o aquecimento global e a pergunta: Haverá ainda tempo para remediar os consequências trágicas do Egoísmo Humano?

Outra para a qual não tens resposta?
Nunca irei compreender a propensão que o Homem tem para a violência, para o ódio e intolerância. As atrocidades infligidas ao ser Humano pelo próprio ao longo de toda a nossa História é algo que não consigo assimilar.

Situações que evitas?
Situações de qualquer tipo de violência.
Top 5?
John Cassavetes, Comida asiática, Sri Lanka, Stiletto preto, Gunter Grass.



SORAIA CHAVES e CASA DO CAIS fotografados por ANDY DYQ. Styling MARTA LOBO (Soraia) PATRÍCIA CÉSAR VINCENTE (Casa do Cais), Hair&mua BY DIO (Soraia) JULIANA ZABUMBA e KSENIIA POPKOVA (Casa do Cais). Produção PLAYGROUND.

SORAIA veste Blazers em crepe de seda estampada, MIGUEL VIEIRA, blazer em lã fria, GIOVANNI GALLI, camisa em algodão e saia em fazenda, COS. CASA DO CAIS vestem tudo ADIDAS ORIGINALS.

PARQ: Revista de tendências de distribuição gratuita. Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq. 1000-251 Lisboa Assinatura anual: 12 euros

Director: Francisco Vaz Fernandes (francisco@parqmag.com)
Editor: Conforto Moderno
Editor de Moda: Rúben de Sá Osório
Design: Valdemar Lamego (www.k-u-n-g.com)

Periodicidade: Bimestral
Depósito legal: 272758/08
Registo ERC: 125392
Edição: Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF: 508 399 289
Propriedade: Conforto Moderno Uni, Lda.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq. 1000-251 Lisboa
Telef: 00351 218 473 379

Impressão: Eurodois. R. Santo António 30, 2725 Sintra
12.000 exemplares
Distribuição: Conforto Moderno Uni, Lda.

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2018 PARQ.

Textos	Rui Miguel Abreu
Carla Carbone	Sara Madeira
Carlos Alberto Oliveira	Sara Silva
Diana de Nóbrega	
Francisco Vaz Fernandes	Fotos
Joana Teixeira	Andy Dyo
João Levezinho	Frederico Santos
Liliana Pedro	Pedro Leote
Luís Sereno	
Margarida Santos	Styling
Maria São Miguel	Daniela Gil
Miguel Rodrigues	Marta Lobo
Patrícia César Vicente	Patrícia César Vicente
Rafael Vieira	Pedro Aparício
Roger Winstanley	Sara Soares

www.parqmag.com

facebook /parqmag
instagram /parqmag
youtube /parqmag

You Must

- 06 Aimee
- 08 Martha Haversham
- 10 Sem receio de criar o caos
- 12 Jillian Banks
- 14 Chk Chk Chk
- 16 Oito Cds
- 17 Urban Shapes
- 18 Sonic Youth
- 20 Come to Daddy
- 22 Variações
- 24 Era uma vez... Taratino
- 25 Fred Perry vs Raf Simons
- 26 Swift Carbon + Youdontneedasuite
- 27 Beleza

Soundstation

- 28 Festival Indiegente
- 30 Samba

Central Parq

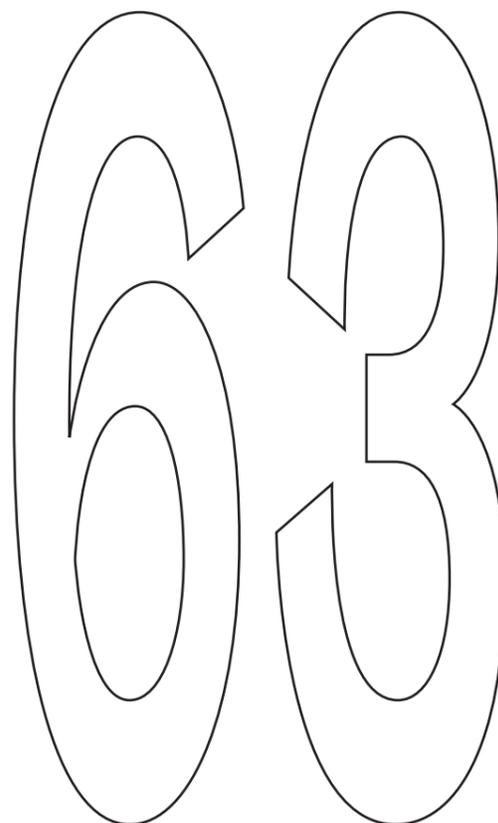
- 32 Casa do Cais
- 38 UAU Project
- 40 When they see us
- 42 Paul B. Preciado

Fashion ed.

- 44 Bad Boy
- 50 Hey Hey
- 58 Wild Side

Parq Here

- 64 Lessa
- 65 East Mambo
- 66 Eneko Lisboa



FREDPERRY.COM

FRED PERRY STORES:
NORTE SHOPPING, MATOSINHOS / PORTO
ARRÁBIDA SHOPPING, V. N. GAIA
RUA DO OURO, LISBOA

SHOP-IN-SHOP:
EL CORTE INGLÉS GAIA / PORTO
EL CORTE INGLÉS LISBOA
MARQUES & SOARES, PORTO



Open | Search | Scan

LISTEN TO BLACK / CHAMPAGNE / CHAMPAGNE



A ATIVISTA DE RUA
AIMÉE PEDEZERT

texto por Joana Teixeira

O que veio primeiro: a arte ou o ativismo? Com a gentrificação desenfreada a consumir Lisboa por dentro e a bolha imobiliária a tirar tetos a famílias, estudantes e millennials, a revolta só não basta. AIMÉE PEDEZERT é uma ativista artística, promovendo o direito à habitação em Lisboa – nas paredes, nas ruas, em todo o lado. AIMÉE, francesa, com formação em Línguas e Mediação Cultural, faz do desenho a sua arma contra a crise habitacional descontrolada. Afinal, todos precisamos de uma casa em Lisboa.



AIMÉE, como começaste a desenhar?

Sempre desenhei, faz parte do meu quotidiano desde a infância.

Como caracterizas o teu estilo de desenho?

Desenho de maneira muito impulsiva e aproximativa, para um resultado bastante ingénuo, até desajeitado. E sempre com tinta de china.

No que te inspiras?

Inspiro-me nas cenas diárias do teatro humano. Sair de casa e abrir os olhos – está lá tudo.

Fala-nos um pouco sobre os teus desenhos de pessoas que precisam de uma casa em Lisboa? Esses desenhos querem trazer à luz a crise habitacional em Lisboa. São uma mensagem simples e exposta diretamente ao olhar de todos. Não há nenhum conceito. As pessoas precisam de casas. E muitas.

Onde é que as pessoas podem ver e adquirir os teus trabalhos?

Na rua e no meu Instagram: www.instagram.com/aimee.pzt

No que estás a trabalhar agora?

Estou a iniciar ateliers de arte para crianças em Lisboa, às quartas e aos sábados. São tempos muito felizes, que fomentam o jogo e a malícia da imaginação de cada uma, através da criação de uma obra coletiva. Brincar ao máximo para aprender melhor. Também estou a trabalhar em alguns projetos de ilustração em colaboração com músicos, e em outros que ainda são segredo!



ATELIER SMALLDITCH
**MARTHA
HAVERSHAM**

texto por Joana Teixeira

“One man’s trash is another man’s treasure”, alguém disse um dia. E MARTHA HAVERSHAM apegou-se a esta ideia e materializou-a na coleção de moda de Instagram mais sustentável de sempre. Do lixo ao luxo, MARTHA, uma artista interdisciplinar Inglesa, criou o seu próprio atelier de design de moda explorando os conceitos artísticos de colagem, montagem e still life.

O seu projeto, *Atelier Smallditch*, é uma crítica visionária ao consumismo e à fast fashion contemporâneos. MARTHA reutiliza objetos aparentemente insignificantes, transformando-os em peças de roupa. Folhas, beatas de cigarro, penas, molas... pequenas coisas com um enorme potencial artístico. Da rua para o Instagram, isto é literalmente streetwear de luxo.

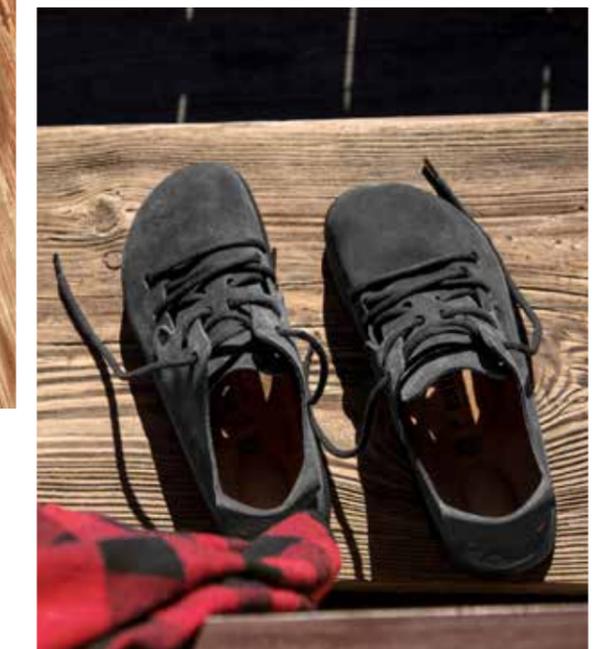
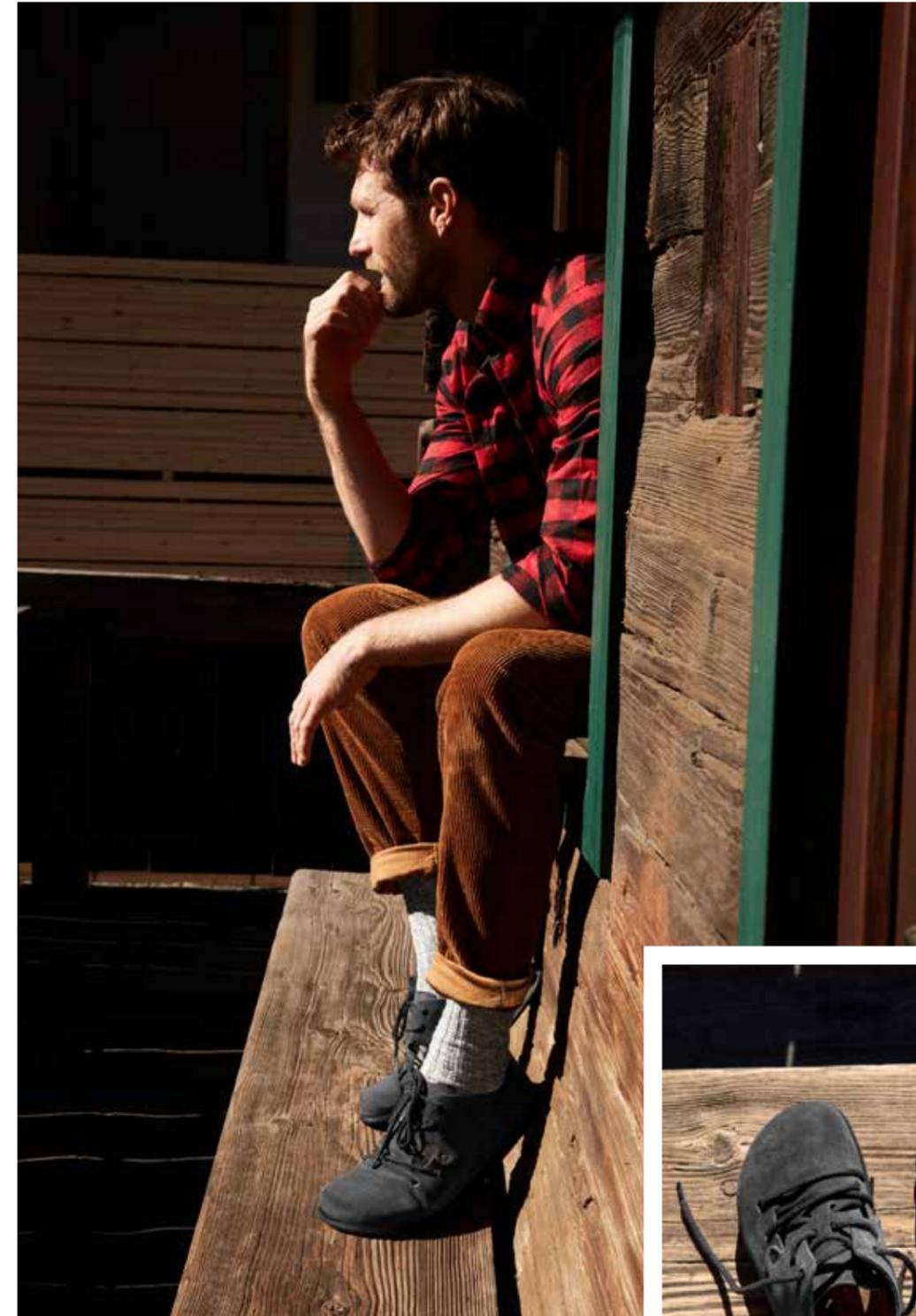




© RUI PALMA ←

BIRKENSTOCK®

Tradition since 1774.



GALERIA FOCO
**SEM RECEIO DE
 CRIAR
 O CAOS**

texto por Francisco Vaz Fernandes

GALERIA FOCO
 Rua da Alegria, 34
 Lisboa

Ter. → Sex.
 14:00 → 19:00

Sáb.
 14:00 → 18:00

Tendo como referência o universo cinematográfico de HARMONY KORINE, realizador que tem baralhado as questões de género e da sexualidade, THOMAS MENDONÇA, na sua terceira colaboração com a Galeria Foco, reúne um conjunto de artistas –ANDY JAMES, DYLAN SILVA, KARINE ROUGIER, FILIPPO FIUMANI e RUI PALMA– que evocam uma vontade de desconstruir os paradoxos da realidade em que vivemos. São jovens artistas residentes em Portugal, que exploram o universo pop, o kitsch, e trash, às vezes delirante e poético que tem paralelos ao imaginário que KORINE gosta de explorar e que podemos entender como o reverso da moeda do sonho americano, no qual o quadro estético se constrói em torno de uma sociedade marginalizada, teoricamente livre e decadente. Na pintura de FILIPPO FIUMAMI encontramos uma profusão de elementos figurativos, que geram um sentimento de caos

nas suas múltiplas referências à sociedade de consumo. Há um certo ambiente de realismo mágico. Já nos desenhos minuciosos de KARINE ROUGIER prevalece uma atmosfera de surrealismo em todo um mundo minucioso que deixa descobrir outros mundos cada vez mais microscópicos num desenho minucioso. Nas fotografias de RUI PALMA encontramos uma atitude trash que na descoberta do desejo frustrado de um corpo mutilado leva-nos a um certo liricismo poético. Por outro lado o desenho de DYLAN confronta-nos com fantasmas dos outros em perda de uma individualidade. Com ANDY JAMES encontramos o universo kitsch e pop que envolve a vida que nos pretendem vender. No universo destas obras expostas, como o curador refere, há a composição de um retrato cru de uma sociedade hedonista e efémera, que os artistas procuram questionar.

birkenstock.com

PROVOCANTE E VULNERÁVEL

JILLIAN BANKS

texto por Miguel Rodrigues

As batidas frenéticas e as letras densamente pessoais fazem parte da atmosfera musical de *“III”*, o terceiro trabalho de originais da norte-americana BANKS. *“III”* surge dois anos após a edição do seu último disco, *“The Altar”*, que rendeu singles como *Gemini Feed* e *Fuck with Myself*. A artista que, em 2014, cativou o público com o seu álbum de estreia *“Goddess”*, aposta agora num conjunto de temas marcados por alguns riscos criativos. É com a sinistra *Till Now* (*“You’ve put your words on my mouth ‘til now”*) que a cantora-compositora configura o tom de *“III”*. Segue-se o primeiro single, a intensa e confiante *Gimme*, um hino sobre insatisfação sexual, onde BANKS canta sobre exigir aquilo que merece sem preconceitos.

As músicas retratam a dualidade da personalidade de JILLIAN BANKS: provocante e vulnerável. Relações tóxicas e destrutivas são muitas vezes a principal inspiração da artista, como a distorcida e pulsante *Stroke* (*“You want me to stroke your ego”*) e a cativante *Alaska* (*“You could put me in your pocket/Wouldn’t*

you like that?”). Em algumas faixas a voz de BANKS soa manipulada e sem espaço para respirar, como é o caso da confusa *Look What You’re Doing to Me* (com FRANCIS AND THE LIGHTS). No entanto, a comovente *Contaminated* (*“And I wish I could change it and we’re always gonna be contaminated”*) e a introspetiva *If We Were Made Of Water* expõem as fragilidades de relações passadas com a versatilidade da voz de JILLIAN BANKS como foco principal.

“III” mostra o amadurecimento de uma artista que conquistou o mundo com a sua marca de pop melancólico e eletrónico misturado com influências R&B, presente em músicas como *Waiting Game* e *Drowning*. Um álbum com o selo de qualidade de uma equipa de produtores como HUDSON MOHAWKE (KANYE WEST, FRANK OCEAN), BJ BURTON (BON IVER, LOW) e PAUL EPWORTH (ADELE, LONDON GRAMMAR). *“III”* retrata alguém que sabe e consegue obter aquilo que quer. *“You can call me that bitch”*, como BANKS canta em *Gimme*.



YOU MUST LISTEN

PALLADIUM UGLYWORLDWIDE

PALLADIUM X UGLYWORLDWIDE



f Instagram PalladiumPortugal



#PALLADIUMUGLYWORLDWIDE
PALLADIUMBOOTS.COM

Os veteranos nova iorquinos !!! (CHK CHK CHK) estão de regresso com *Wallop*, aumentando a sua discografia para oito álbuns, distribuídos ao longo de duas décadas de atividade. Dançar continua a ser o seu mote, espalhando a sua energia contagiante por todos os lados, não deixando adormecer nenhuma parte do nosso corpo durante todo o disco. A faixa de abertura *"Let It Change You"* acelera o batimento cardíaco ao som da batida eletrónica, acompanhada pela voz arrastada e sexy de NIC OFFER. A intensidade rítmica aumenta nas faixas *"Off the Grid"* e em *"In the Grid"*, numa continua festa que pisca o olho ao *house*. *"U R paranoid"* não se afasta muito da linha mestra e garante mais tempo para libertar energia. Mas as linhas eletrónicas cruzam as guitarras tropicais e a *pop* no *single "Serbia Drums"*, num tom muito funk e próximo do registo dos TWO DOOR CINEMA CLUB, uma abordagem corajosa dada a similaridade, mas que é assumida como uma aproximação de temas mais comerciais. *"This is the Door"* resgata os ritmos dos sintetizadores dos anos

oitenta e a métrica do ritmo do baixo remete-nos para o universo de QUINCY JONES. Ainda na senda dos anos oitenta, *"Domino"* aproxima-se de artistas como PETER GABRIEL, sobretudo a flauta a fazer lembrar *"Red Rain"* do artista. As impressionantes batidas *"Garage"* e as precursões metálicas de *"Rhythm of the Gravity"* catapultam o ouvinte para um ritmo mais cru e frenético. Por seu turno *"Slow motion"* desce o tom para uma harmonia mais melancólica, encorpada numa linha mais psicadélica, como quem concede a oportunidade para o ouvinte recuperar o folego. Não sendo um disco coerente, *Wallop* promove momentos de pura delícia para quem gosta de ouvir e dançar música eletrónica. Manuseiam géneros tão distintos como o *house*, o *disco*, o *funk*, a *pop* dos anos oitenta e piscam o olho a referências como SLY STONE ou STIVIE WONDER, sem pudor nem pecado e apenas para seu belo prazer. Não é o disco mais arriscado da banda, no sentido de ousar e ir além-fronteiras na sua abordagem eletrónica, mas comete a proeza de cativar o ouvinte o suficiente para bons momentos de festa. E como apetece dançar como se não houvesse amanhã.



collective



Modalisboa 2019 | Photo: Carola Teixeira | Models: Karader, Afonso Pires, Cátia Pereira, João Paolito, Central, Ego, Isabela, We are Models, Beatriz Ferreira, Plicati | Design: Joana Ansel

MODALISBOA

SS20
10.11.12.13 OUTUBRO 2019
#LISBOAFASHIONWEEK

ANTIGAS OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO DO EXÉRCITO

Uma iniciativa conjunta LISBOA CÂMARA MUNICIPAL MODALISBOA

Cofinanciado por Lisb@20²⁰ PORTUGAL 2020 União Europeia Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Parceiro Tecnológico altice

Patrocinios L'ORÉAL PROFESSIONNEL PARIS & Renova

Viatura oficial LEXUS

Hotel oficial LISBOA IBEROSTAR SELECTION

Parceiro Mobilidade Uber

Apoios Turismo de Lisboa EXÉRCITO

Parceiros ITFUTURE CEMUSA KONICA MINOLTA Tarkett wonder | wall POLIMODR LAUNCH METRICS RTP

Parceiros de Media SAPO

Rádio oficial ANTENA 3

Tv oficial

Tv internacional fashiontv

texto por Carlos Alberto Oliveira

Aproximam-se os dias de Outono, num desapego gradual dos dias quentes e soalheiros do Verão. Nada como reunir uma boa coleção de canções para nos enternecer e aconchegar nas noites mais longas que se avizinham.



A cantora e compositora norte-americana ANGEL OLSEN garante uma nova incursão pela sua intimidade no seu novo disco *All Mirrors* a 4 de Outubro, com a chancela da editora



Jagjaguwar. O single que dá nome ao álbum, lança pistas para mais um grande disco da artista. Um novo disco dos DIIV chegará às lojas a 4 de Outubro com o título *Deceiver*. Será o seu terceiro disco, e pelos temas apresentados "*Taker*" e "*Skin Game*"; antevê-se um mergulho pelas referências dos MY BLOODY VALENTINE e SONIC YOUTH.



LINDSTRÖM prepara-se para lançar o seu novo disco *On A Clear Day I Can See You Forever* a 11 de Outubro. A avaliar pelo single "*Really Deep Snow*"; é possível uma incursão por paisagens gélidas magistralmente camufladas pela eletrónica.



A icónica artista nova iorquina, e antiga membro dos SONIC YOUTH, KIM GORDON está de regresso em nome próprio com *No Home Record*. Exímia contadora de histórias, gloriosamente embrulhadas em camadas sónicas, instiga a curiosidade sobre o que poderemos encontrar no seu novo álbum que será lançado pela Matador a 11 de Outubro.

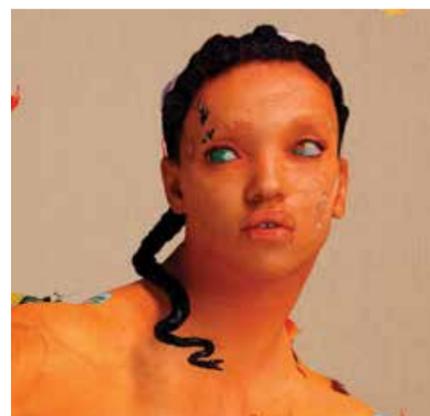


A incomparável energia sustentada por baterias e precursões frenéticas dos BATTLES, fazem com que cada

lançamento de um novo álbum seu seja um excepcional acontecimento. O seu novo disco *Juice B Crypts* será lançado a 18 de Outubro pela Warp.



A segunda parte de *Destroyer*, o novo álbum de TR/ST sairá a 1 de Novembro. Sendo que a primeira parte do disco foi lançada a 19 de Abril deste ano, brevemente descobriremos se os dois álbuns se complementarão ou se serão testemunhos completamente à parte.



A britânica FKA TWIGS está de regresso aos discos este outono, mais precisamente a 25 de outubro. O novo registo de originais chamar-se-á *Magdalene*. De acordo com uma entrevista à revista i-D, o álbum será produzido pela artista e conta com o contributo de NICOLAS JAAR. O lançamento terá o selo da editora Young Turks.

Com a faixa "*Violence*", a canadiana Grimes apresentou mais um tema daquele que será o seu novo disco *Miss Anthropocene*. O álbum está agendado para chegar às lojas ainda neste Outono. De acordo com a artista, *Miss Anthropocene* é um álbum conceptual acerca de uma personagem antropomórfica, a deusa das alterações climáticas.

CABANA MAD
Rua da Misericórdia, 66 -1ºdto
Lisboa

URBAN SHAPES

texto por Francisco Vaz Fernandes



© APRIL KEY ↑

© MONICA MENEZ ↓



Na busca de uma programação multifacetada, a Galeria Cabana Mad reúne 3 artistas que apesar de trabalharem disciplinas e medias diferentes têm na sua lógica de apropriação e construção das formas, pontos de contágio relevantes. APRIL KEY é uma designer inglesa residente em Istambul que desenvolve trabalhos a partir de lógicas da escultura trazendo referências a formas arquitetónicas, nomeadamente a arquitetura deco. Os seus candeeiros da *Ocean Drive collection*, tiveram como ponto de inspiração inicial o colorido de uns *Kodakchromes* com vistas de Miami que encontrou numa loja de velharias de Istambul. Tal como na silhueta de uma cidade há uma acumulação de formas tendencialmente geométricas coroadas por neons. São matérias que nos remetem para o brilho e a magia de qualquer cidade. Os candeeiros de KEY são realizados a laser, e os tubos de vidro dos neons são produzidos à mão por artesãos locais experientes que lhes conferem a mesma ternura mágica das cidades.

O mesmo ambiente formal dos anos 50 parece sugerir o universo de MONICA MENEZ, fotógrafa de moda, residente em Berlim, que gosta de recriar ambientes cinematográficos. A par dos filmes de moda, a maior parte da sua fotografia é criada para revistas de moda, classificando-se na área de fotografia de produto. A execução da imagem obriga um processo construtivo e uma execução rigorosa para chegar



↑
© MARCO LABORDA

a uma imagem transgressiva e sensual. Ainda que em alguns aspetos toque o kitsch e um certo irreal, essa regressividade leva a criadora a um sentimento de libertação e permissividade. Ou seja as suas fotografias, são o espelho da liberdade que molda as grandes cidades como Berlim. MONICA MENEZ trabalhou para a Vogue Portugal assim como para muitos outros títulos de referência na moda.

Também no trabalho de MARCO LABORDA, artista catalão residente em Madrid, encontramos um processo construtivo e uma certa emoção surreal, a partir das suas colagens sobre fotografias. Tendo no essencial o retrato como referência, desconstrói as imagens usando o recorte, para depois as reconstruir, aplicando colagens. Nesse sentido, recusa uma lógica naturalista juntando elementos formais que desfigurar o retrato, dão uma nova plasticidade ao trabalho final. As novas formas acumuladas adensam os seres que nos são propostos e dão-lhes aspetos surrealistas uma experiência que vai ao encontro do trajeto modernista sobre a representação do real. As desfigurações dos seres criados por MARCO LABORDA remetem-nos para o mundo das transfigurações do ser na complexidade das sociedades urbanas.

texto por Carla Carbone

SONIC YOUTH é uma banda de rock subversivo que surgiu no início dos anos 80, e permaneceu em total anonimato até eclodir, em máxima popularidade, nos finais dos anos 80, tornando-se uma banda de culto para as gerações vindouras.

Foi dessa forma que a curadora FILIPA OLIVEIRA deu nome à exposição, *"A Sonic Youth"*, presente na Galeria Municipal de Arte de Almada, e estabeleceu um paralelo com a nova geração de artistas portugueses, *"uma geração de grande qualidade"*, como diz, e que parece, neste momento, *"existir pelo país fora"* envolta em certa penumbra. Despercebida, mas capaz de deixar sementes de mudança positiva e de irreverente inteligência. Quem sabe, *"talvez um dia, como a banda norte"*



americana, venham a emergir" e se tornem referência para as gerações de artistas seguintes. Até lá, aguardam, em encubadora, produzindo belas pérolas.



Para que não permaneçam, por muito tempo, artistas escondidos, FILIPA OLIVEIRA, vai desbravando caminho e sulcando a terra por cá, à procura de tesouros desconhecidos. Esta exposição promete edições futuras. Será a primeira de um grupo de edições que se realizarão num período de dois em dois anos, como refere a curadora. Este ano a exposição conta com a presença dos artistas: ADRIANA PROGANÓ, ALICE DOS REIS, AXELLE CAMILLE, DAVID GONÇALVES, INÉS NETO DOS SANTOS, JAIME WELSH, JOÃO PEDRO TRINDADE, JORGE JÁCOME, MADALENA CAIADO, MANÉ PACHECO, MARIA TRABULO, PEDRO CABRITA E PAIVA, PRIMEIRA DESORDEM e RUI CASTANHO.

RUI CASTANHO apresenta um trabalho que já foi exposto em parceria com a artista LÚISA CUNHA, na Galeria Buraco, em Março de 2019. Uma galeria em Lisboa, que promoveu, com essa exposição, um encontro entre artistas plásticos, de gerações diferentes. A exposição chamava-se *"Fica Assim"*, e enfatizava as descobertas que o artista vai fazendo no atelier, de objectos que, de forma espontânea, se vão acumulando e relacionando com os demais, e em que o artista, de forma atenta deixa que aconteçam. Ligações imprevistas, sem grande intervenção ou controlo. O trabalho de RUI CASTANHO é composto por um grupo de varas de bambu, cobertas por pasta de papel, embebida em tinta acrílica. É com a pasta absorvida pelo líquido colorido que o artista vai cobrindo a superfície curva do bambu, em degradé, compondo linhas policromas que vão, progressivamente, assumindo, um jogo alternado entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade.

O artista começou a sua actividade artística como pintor, o que explica a presença da cor em muitos dos seus trabalhos. Vários dos elementos (varas) são encostados de modo oblíquo, à parede, *"como se faz com os espelhos"*, explica o artista. São simplesmente deixados ali, como os chapéus de chuva, quando se chega a casa, ou quando se colocam objectos, sem se estar a fazê-lo conscientemente, com séria intencionalidade subjacente. Esse frescôr vai brotando. Os objectos simplesmente vão surgindo, no atelier. E o diálogo, entre eles vai-se estabelecendo. Na condição de objecto para pendurar

na parede, ou de objecto autónomo. Ali, entre as imediações da pintura e da escultura, ou da instalação.

PEDRO CABRITA E PAIVA, outro dos artistas presentes na exposição, explorou, no passado, projectos em que tinha, como objecto de exploração o cenário da escolar ou a irreverência juvenil. Aquando da inauguração desta exposição, o artista mencionou o uso de pastilha elástica, colocada nos lugares mais inusitados da galeria, como forma de expressão dessa mesma irreverência.

A instalação de INÉS NETO DOS SANTOS compreende a apresentação de uma estante que, num primeiro contacto, aparenta ser oriunda de um velho consultório, ou de um fragmento de um móvel, que pertencera outrora a algum alquimista, pejado de segredos e carregado de legado histórico. A estante contém vários frascos de vidro, de vários tamanhos e cores, preenchidos com chás de variadas ervas, em processo de fermentação. O intuito é explorar, ou potenciar, o uso pleno dos sentidos, num espaço geralmente cerimonioso como o é o da galeria. Porque, como diz a artista:

"Quando vamos a um restaurante, sabemos que, alguns minutos depois, acabamos por descontraír. A ideia é levar essa descontraicção para o seio da galeria, lugar quase sempre formal", sério e obsequioso. Por outro lado sabemos que as galerias de arte, e os espaços expositivos, são lugares onde a imagem tem sido a forma de arte mais privilegiada, e sobejamente utilizada. E onde, de forma leve, já começa a ser explorado o som, ou o odor. Mas ao que o paladar diz respeito, ainda parece haver muito a fazer, muito caminho a percorrer, por parte dos artistas.

CASA DA CERCA
Almada
→ 19 Outubro

Seg. → Sex.
11:00 → 12:30
14:00 → 18:00

Sáb.
14:00 → 18:00



by ANT TIMPSON

COME TO DADDY

texto por João Levezinho



Este ano o festival de terror de Lisboa, vulgo MOTEL X, brindou-nos nesta sua 13ª edição com uma bela e apetitosa paleta de filmes terroríficos, mas quero aqui destacar a sessão de encerramento, que contou com o conhecido ELIJAH WOOD no papel de Norval no filme multinacional *"Come to Daddy"*. Norval é uma personagem *sui generis*, meio afetado, trintão, vive ainda com a mãe desempregada e ao receber uma carta do pai, decide ir visitá-lo num recanto paradisíaco. Como tem uma lacuna sentimental para com o pai, decide preenche-la indo ao seu encontro, ao encontrá-lo repara que este está esquisito, e a partir daí é um sem número de peripécias, umas mais insólitas que outras...

Realizado e produzido por ANT TIMPSON, que tem feito parte de muitos projetos no campo do fantástico e terror, tendo agora aventurado se na realização da sua primeira longa, e logo com esta história familiar e insólita. Filme que desafia os limites deste género tão característico, pois é muito imprevisível e inclassificável. ELIJAH WOOD têm um papel como nunca o tínhamos visto até aqui nas salas, muito afetado, medroso e acima de tudo ciente do medo que têm em enfrentar o mundo que o rodeia.



GANT
FOOTWEAR



texto por Liliana Pedro

ANTÓNIO VARIAÇÕES é a personificação da cultura punk, da simplicidade dos pormenores e da constante procura por tudo o que é diferente. No filme biográfico *“Variações”*, embarcamos numa viagem pelo estilo avant-gard do cantor com PATRÍCIA DÓRIA, responsável pelos figurinos, no comando.

Da música para o grande ecrã, ANTÓNIO VARIAÇÕES levou milhares de espectadores ao cinema para assistirem ao filme biográfico *“Variações”*, realizado por JOÃO MAIA. Do primeiro ao último minuto, a moda foi uma das protagonistas. Quem esteve por detrás dos figurinos foi PATRÍCIA DÓRIA. Ao longo de vários meses, vestiu a pele de ANTÓNIO VARIAÇÕES e



pensou como o próprio, criando looks que nos dão a conhecer a moda lisboeta dos anos 80. O seu trabalho foi dividido em várias fases. Primeiramente, procurou ler o guião e falar com o realizador e só depois é que partiu para a pesquisa. Fiel à tradição do papel, comprou livros sobre as ruas de Amesterdão, leu a biografia de ANTÓNIO VARIAÇÕES, escrita por MANUELA GONZAGA, e folheou as páginas de um livro sobre o disco em Nova Iorque. Depois, conheceu a fundo as discotecas gay em Portugal e deixou-se contagiar pela cultura punk, bastante presente no estilo de VARIAÇÕES. Através da sua pesquisa, PATRÍCIA DÓRIA percebeu que em Portugal, nos anos 80, o punk ainda estava meio adormecido. *“O punk em Portugal não era como o punk na Inglaterra. Aqui era mais ténue, havia apenas algumas referências, lá fora era mais hardcore.”* Para além da estética punk, PATRÍCIA DÓRIA mergulhou de cabeça na moda dos anos 80, que, segundo a própria, é o oposto da moda dos anos 70. *“Fiz uma pesquisa sobre Lisboa de 79 com o*

fim do disco e o início dos anos 80. No espaço de um ano, houve grandes mudanças na forma de vestir.” Essas mudanças levaram ao aparecimento das mangas abalonadas, dos estampados e das sobreposições. PATRÍCIA DÓRIA procurou também trocar alguns dedos de conversa com aqueles que eram próximos do cantor, mas foi com ROSA MARIA, amiga de ANTÓNIO VARIAÇÕES, interpretada no filme por VITÓRIA GUERRA, que conseguiu obter o melhor testemunho. *“Foi bastante importante para a construção dos figurinos das personagens falar com a Rosa Maria. Ela deixou-me ficar com alguns registos das suas fotografias pessoais do Trumps e deu-me a conhecer de forma mais aprofundada o carácter do António.”*

A construção do guarda-roupa de *“Variações”* resultou numa fusão entre o novo e o velho. Foi-se à feira da ladra, alugou-se e construí-se peças de raiz. *“Tínhamos uma costureira na equipa. Grande parte dos macacões e calças fomos nós que fizemos.”* Apesar de não ter tido contacto com a roupa do ANTÓNIO —pois grande parte dela já não existe— isso não afetou o seu trabalho. *“Quando soube que ia fazer o filme, disseram-me que tinha que fazer réplicas das roupas dele, mas eu não achei que isso fosse interessante. O que eu fiz foi pôr-me na pele do António.”* PATRÍCIA DÓRIA procurou, assim, inspirar-se no estilo de VARIAÇÕES, na sua estética cuidada e no seu amor pelas novidades. O ANTÓNIO VARIAÇÕES teve à volta de 30 roupas, que já estavam decididas antes do início das filmagens. *“Eu já sabia do primeiro até ao último*



dia das gravações o que é que ele ia vestir. Era uma personagem que merecia isso.” Da panóplia de looks, PATRÍCIA DÓRIA elege o macacão de operário que VARIAÇÕES usou no concerto dos Faíscas como o seu favorito. *“O António foi carpinteiro aos 12 anos e as referências dos dias de trabalho estão presentes nesse look.”*

Os acessórios estrelaram lado a lado com as roupas. Todos os dias, ANTÓNIO VARIAÇÕES mudava de brincos, saía à rua com diferentes chapéus e nunca punha de lado os anéis e colares. Numa conversa ocasional com uma amiga, PATRÍCIA DÓRIA ficou a saber que o ANTÓNIO deu um espetáculo com umas ligaduras, o momento ficou retratado no filme como a sua grande estreia no mundo da música. *“Quando soube do concerto que ele deu com umas ligaduras procurei reinterpretar esse momento no espetáculo do Trumps. Pus-lo com umas ligaduras de risca vermelha, com um espartilho dos anos 20, com um brinco, um colar e argila na cabeça.”*

A etapa mais exigente do seu trabalho foi a inicial. *“Como é que eu ia vestir o António Variações? Há mil e um caminhos e eu decidi optar pela simplicidade da altura.”* Já a etapa mais interessante foi a das provas. *“O mais giro foi começar a vestir os atores e os figurantes, foi começar a escolher o que é que ficava melhor a cada um.”*

O estilo de ANTÓNIO VARIAÇÕES pode ser visto por muitos como maximalista, mas PATRÍCIA DÓRIA afirma o contrário. *“Embora exuberante em alguns detalhes, ele tinha um estilo bastante minimalista. A simplicidade existia em António Variações.”*



ERA UMA VEZ... TARANTINO

texto por Margarida Santos

É muito difícil, em 2019, que alguém ainda não tenha ouvido falar de QUENTIN TARANTINO. Mesmo quem não aprecia cinema já ouviu de certeza este nome. E com um nome destes, TARANTINO só podia estar destinado a grandes feitos. Realizador e argumentista tem sido muito admirado nos últimos anos e os seus filmes têm sido bastante analisados e falados pelo público. Este ano celebramos o 25º aniversário de um dos filmes que veio mudar completamente o cinema, *Pulp Fiction*, um filme que ainda hoje dá que falar e que se tornou, mesmo, um ícone da cultura pop. E em agosto o realizador estreou o seu projeto mais recente, o filme *Era Uma Vez Em... Hollywood*. Um filme que mistura factos com ficção de uma maneira que só TARANTINO sabe fazer. Para “comemorar” a chegada da nona película deste realizador, decidi fazer algo que todos os fãs de cinema deveriam fazer, pelo menos uma vez na vida. Ver os nove filmes de QUENTIN TARANTINO seguidos e por ordem cronológica. Uma maratona. Fazer uma maratona de TARANTINO é uma experiência incrível e só revela o quão extraordinário é o seu trabalho. Mas aviso que não é tarefa fácil, são filmes muito longos, com muitas partes pesadas e muita violência.



Para podermos apreciar os filmes deste realizador temos de ter algumas coisas em mente: perceber que TARANTINO não é só realizador, mas também o argumentista destas obras; que existe um narrador muito presente na história e filmes divididos por capítulos; que os planos são magníficos, posso mesmo arriscar dizer que alguns deles são obras de arte incríveis, e violência, muita violência, já faz mesmo parte do estilo cinematográfico do realizador. Com este exercício dei por mim a perceber algumas coisas que por vezes só se “veem” nas entrelinhas. Como por exemplo a música. Os mais atentos irão perceber que a música nos filmes de TARANTINO é extremamente importante. O realizador usa a música não só para tornar a cena mais memorável, como também para criar um certo incómodo no espetador. Pois uma cena muito pesada e violenta pode ter uma música divertida, isto faz com que os nossos sentimentos fiquem um pouco confusos e a cena se torne marcante e a próxima vez que ouvirem aquela música é muito provável que se lembrem do filme.

O realizador já disse várias vezes que aprendeu tudo o que sabe a ver não um, não dois, mas milhares de filmes e isso vê-se perfeitamente nas suas obras, ele vai buscar cenas de filmes icónicos e interpreta-os à sua maneira nas suas películas. É incrível como uma única cena pode ter influências cinematográficas que vão desde os *filmes noir* até aos filmes de desenhos animados da Disney.

Posso também dizer que toda a cinematografia do realizador são como cartas de amor aos géneros cinematográficos mais icónicos, o *Inglorious Basterds*, é um hino aos filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, o *Pulp Fiction* ao estilo *noir* francês, o *Death Proof*, aos filmes de *low-budget*, o *Django Unchained* aos *spaghetti western*. *Pulp Fiction* e *Inglorious Basterds* estão entre os favoritos do público, sendo que há muita discussão entre qual deles o melhor. Na minha opinião *Pulp Fiction* leva a medalha de ouro. Se também quiserem entrar neste universo tarantiniano já sabem, aconselho uma maratona.



FRED PERRY vs RAF SIMONS

texto por Maria São Miguel



RAF SIMONS propõem nesta nova coleção desenvolvida para a FRED PERRY uma verdadeira viagem ao universo das subculturas a partir do espólio fotográfico de GAVIN WATSON e GEORGE PLEMPER dois ingleses, que registaram a sua juventude entre os finais dos anos 70 e os 80. O conhecido designer belga selecionou algumas das imagens mais emblemáticas destes dois fotógrafos para as imprimir digitalmente nos clássicos da FRED PERRY.

WATSON, com apenas 16 anos já tinha acumulado mais de 10 mil fotos relativas aos finais dos anos 70 e início dos anos 80, tendo como foco o universo dos seus amigos onde naturalmente estava incluído. Através das suas amizades, ele retratou um universo musical – particularmente o seu amor pelo género musical two-tone. WATSON foi capaz de documentar uma geração de jovens que amadureceram e usaram as suas roupas como uma ferramenta poderosa para expressar a sua identidade. Nas fotografias de GEORGE PLEMPER, na altura um professor no princípio da carreira da zona sul de Londres, encontramos o retrato dos seus alunos, que eram o espelho da condição da classe trabalhadora britânica. Centrando-se na nova cidade de Thamesmead, um bairro social brutalista, PLEMBER regista as ocorrências quotidianas da juventude que crescia no bairro. Paralelamente a esta coleção há uma consagração destes dois fotógrafos ingleses que viram parte da sua obra restaurada e exibida no YOUTH CLUB Museum, um instituto que arquiva um espólio gigantesco de imagens que procuram fixar os momentos mais importantes da história da cultura jovem britânica.



Disponível na loja:
Fred Perry Authentic Store Lisboa
Rua Áurea, 234, Lisboa
T 213 470 711

SWIFT CARBON

texto por Francisco Vaz Fernandes



SWIFT CARBON é uma empresa sul-africana de construção de bicicletas que recentemente instalou a sua linha de produção e comercialização na zona do Porto. Fundada em 2008, pelo ex-atleta profissional MARK BLEWETT, o projeto propôs desde o início criar quadros em fibra de carbono através da mais alta tecnologia disponível, destinado assim a responder às necessidades do seu fundador

na alta competição. É um projeto de sucesso testado que tem tido como rosto mais visível da marca o atleta sul-africano HENRI SCHOEMAN que conquistou com uma SWIFT, uma medalha de bronze no triathlon das Olimpíadas 2016 no Rio, além de vencer o mundial de WTS em Abu Dhabi em 2018 e o Commonwealth Games também em 2018 na Austrália. Também a equipa vencedora da última edição

da Volta a Portugal, pertencente ao Futebol Club do Porto, está equipada com bicicletas SWIFT. Tal como muitas outras marcas, a SWIFT pode ser adquirida *on-line* tendo a vantagem de oferecer algumas alterações ao quadro, assim como, algum nível de personalização que passa pela seleção da cor, a introdução de frases ou desenhos mais personalizados.



#YOUDONTNEEDASUIT

texto por Maria São Miguel

A imagem do homem de sucesso vestido de fato, há muito tem sido negada no imaginário dos jovens criativos. Parte dessa desconstrução mistura-se com as origens da própria DOCKERS, marca que nos anos 90 propõem à sociedade norte-americana um par de chinos, promovendo o *casual friday*. Ou seja, um dia de escritório menos formal

à porta do fim de semana. Para muitos foi a oportunidade perfeita para estenderem esse visual para o resto da semana. É precisamente este legado revolucionário que a nova campanha da DOCKERS *#youdontneedasuit*, pretende retratar com piada, levando-nos a assistir à luta matinal de um jovem criativo que a custo se vê livre

da praga de um fato que procura impor-se. Ou seja, a DOCKERS garante à geração Y, um look cuidado e confortável nos limites do formal. Grande parte das suas pesquisas vão nesse sentido e o modelo *360 flex*, com flexibilidade nos 4 sentidos é hoje o seu topo de gama, com inúmeros detalhes técnicos.



CAROLINA HERRERA

BAD BOY

texto por Liliana Pedro

Bad Boy é o nome da nova fragrância masculina de CAROLINA HERRERA NEW YORK. O perfume celebra o espírito aventureiro do homem que não tem medo de arriscar na vida. Num frasco em forma de raio, o *Bad Boy* é composto por pimenta preta e branca, bergamota, sálvia e cedro como notas de topo. Já a fava tonka e o cacau são as notas de base que dão ao perfume um toque sensual e masculino.



SISLEY

ÉMULSION ÉCOLOGIQUE

texto por Liliana Pedro

A pintora polaca ELZBIETA RADZIWIŁŁ já é um nome conhecido da marca SISLEY. Pelo segundo ano consecutivo, RADZIWIŁŁ faz renascer o *perfume best seller Émulsion Écologique* através de uma embalagem inspirada na natureza. Criada em 1980, a *Émulsion Écologique* é um explosão de hidratação pelo seu complexo de extratos de origem natural de centelha asiática, ginseng, alecrim, lúpulo e cavalinha. As propriedades nutritivas deste creme dão à pele a tonificação e a proteção que ela precisa para combater as agressões externas. O frasco e o estojo desta nova edição transportam-nos para um universo onírico, onde as borboletas e libélulas pousam as suas asas sobre as folhas de Centelha Asiática.



DOLCE GABBANA

K

texto por Liliana Pedro

O *K* é o novo perfume masculino da dupla de criadores DOMENICO DOLCE e STEFANO GABBANA. Esta fragrância da DOLCE & GABBANA é acentuadamente cítrica com um toque de lavanda e madeira. A nova fórmula possui ainda bagas de zimbro, gerânio, essência de pimento, madeira de cedro, vetiver e pachuli. O frasco de vidro, retangular e transparente, tem um símbolo monárquico e uma tampa em forma de coroa, feita à mão e decorada com partículas de ouro de 24 quilates.



GUCCI

MÉMOIRE D'UN ODEUR

texto por Liliana Pedro

Para a próxima temporada, a GUCCI apresenta-nos o perfume *Mémoire d'un Odeur*. Num vaivém temporal, o passado e o presente estão ligados por uma ponte que projeta o futuro. *Mémoire d'un Odeur* é um perfume sem género e tempo. O aroma é composto por ingredientes inesperados e enigmáticos, com particular destaque para a camomila romana, que irradia um rasto alegre, doce e aromático com mel e maçã verde. O frasco da fragrância, em verde-claro transparente, apresenta uma silhueta refinada e uma tampa de ouro brilhante. A embalagem simboliza o céu noturno estrelado e tem como decoração firmamentos celestiais inspirados nas pinturas românicas e góticas da idade média e do renascimento da Europa.



ALGUMACENA © Vera Marmelo ↑



NANCY KNOX ←



DEAD CLUB ←



THE PARKINSONS ↑

INDIEGENTE

INDIEGENTE FESTIVAL

INDIEGENTE

INDIEGENTE

FESTIVAL INDIEGENTE

FESTIVAL

INDIEGENTE SEGUNDA EDIÇÃO

texto por Carlos Alberto Oliveira

Os promotores do FESTIVAL INDIEGENTE, na sua 1ª edição, realizada em outubro passado, conceberam um espetáculo único sem interrupções, em que os artistas tocam alguns temas encadeados uns com os outros, como se fossem eles de uma corrente. Haveria espaço para a criação e novos arranjos dos temas tocados pelas bandas em conjunto. O mote está lançado para mais uma edição, também a realizar-se a 19 de Outubro. O local escolhido será o Lisboa ao Vivo, como no ano passado.

Este ano o cartaz é composto por: ACT-UPS, ALGUMACENA (ALEX D'ALVA TEIXEIRA e RICARDO MARTINS), ANARCHICKS, BIZARRA LOCOMOTIVA, DEAD CLUB, CABRITA (projecto novo a solo de JOÃO CABRITA), a estreia dos KNOT3 (SELMA UAMUSSE e TONI FORTUNA), MANU DE LA ROCHE, NANCY KNOX, PISTA, PLASTICA, RUI MAIA, THE DIRTY COAL TRAIN, THE PARKINSONS e VAIAPRAIA.

Sem desprimor algum pelos artistas, espreitemos um pouco para ver o que este recheado cartaz tem para nos oferecer.

As ANARCHICKS surgiram no final do Verão de 2011 e desde aí nunca mais pararam. Contam com inúmeras participações em festivais, nacionais e internacionais, e fizeram as honras de abertura de concertos, entre os quais se pode destacar a primeira parte das CANSEI DE SER SEXY em Lisboa e a atuação no Festival Masculin/Feminin, em França, onde partilharam o palco com PEACHES. A nível das atuações internacionais, 2014 tornar-se-ia o ano da sua consagração. Participaram em Paris nas comemorações do Dia Internacional da Mulher e no Verão participaram ainda no Theater der Welt, realizado na Alemanha. Só para citar os mais sonantes. Dada a sua grande experiência ao vivo, as ANARCHICKS apresentam um espetáculo enérgico e dinâmico que nunca deixa o público indiferente.

Dos DEAD CLUB, espera-se uma experiência sensorial, graças ao recurso de vozes, guitarras, bateria, drum machines, sintetizadores, teclados, corações partidos e batalhas interiores. Dead Club é a orquestra de uma pessoa e dos seus demónios.

Poder-se-á dizer sobre os KNOT3, que o encontro entre os seus dois componetes, deu-se por obra e graça divina no mundo espiritual da música gospel. Com carreiras musicais bastante distintas que viajam do frenético rock'n'roll dos "d30" e das canções cinematográficas dos "Mancines" à explosiva África urbana do projeto a solo de "Selma Uamusse" ou à intimista música de "Rodrigo Leão", a quem esta também empresta a voz desde 2014. Numa informal conversa, Selma Uamusse e Toni Fortuna aka António Gomes confessavam que, se alguma vez se aventurassem a fazer algum projeto juntos, seria uma espécie de The Kills vs Johnny Cash-June Carter em 2020.



THE DIRTY COAL TRAIN ↑

Acerca dos THE DIRTY COAL TRAIN, podemos dizer tratar-se de um *power trio* de inspiração no DIY do *punk*, no *garage* dos 60 e no cinema de série B. Depois de cinco álbuns, uma compilação, splits com outras bandas e cinco singles promovidos com datas pela Europa e América do Sul, a banda começa agora a sua *tour* de promoção a *Primitive*, um LP em formato trio que marca o regresso à produção rock mais crua e imediata.

Dispensados de apresentações, os THE PARKINSONS têm uma carreira dividida sobretudo entre Portugal e o Reino Unido. São uma banda de culto e considerados por muitos como uma das melhores bandas *punk-rock* a surgir no circuito musical britânico no princípio deste século. São deliciosamente inquietos, reivindicativos e altamente ruidosos.

RODRIGO VAIAPRAIA é um artista que aprendeu sozinho a quebrar barreiras nas artes. Começa a compor e a tocar canções ao vivo em 2013. As atuações ao vivo não são apenas uma oportunidade para expor as canções: são também um momento para criar comunidade, seja qual for a geografia ou a situação. Com a mesma missiva, VAIAPRAIA é um dos fundadores da agência/promotora/produtora MATERNIDADE e do Rama Em Flor (festival comunitário feminista queer). Colabora pontualmente com a Plataforma 285 enquanto *performer* e escreve para cinema com o realizador TOMÁS PAULA MARQUES.

Os BIZARRA LOCOMOTIVA são tidos como precursores da música industrial no nosso país, sendo hoje a principal referência do género no panorama musical Português. A sua história remonta a 1993, quando RUI SIDÓNIO (voz) e ARMANDO TEIXEIRA (voz e maquinaria) formam uma banda com vista a participar no Concurso de Música Moderna da Câmara Municipal de Lisboa, o qual venceram. Com 20 anos de existência este projeto conta com uma carreira invejável no panorama nacional com 9 discos editados e com uma platina aquando da participação no tributo aos XUTOS E PONTAPÉS com o tema "*Se me amas*".

Desde 2011 que a carreira de MANU DE LA ROCHE tem como pano de fundo o burlesco, nas suas mais variadas estéticas e na *fetish performance*, inegavelmente precursora no nosso país. Tratando-se de uma artista versátil, colaborou com nomes como: LA CHANSON NOIR, QUINTETO EXPLOSIVO, ENA PÁ 2000, IRMÃOS CATITA, GHOSTS, SUICIDE COMMANDO e mais recentemente participou no videoclip do novo single de MUNDO CÃO - "*É Sempre Essa Treta do Amor Eterno Que Me Lixa*" (2019).

Certamente que esta 2ª Edição deste FESTIVAL INDIEGENTE elevará ainda mais a fasquia. Espera-se que seja uma es-fusante troca de experiências, ultimando num processo criativo cativante e onde a palavra de ordem será festa e muito divertimento.

SAMPA DE ÁFRICA PARA O MUNDO SAMPA



SAMPA sabe que pensar local, sem esquecer a sua cultura, a sua herança e a sua cor, é o melhor caminho para conquistar o futuro.

Sim, é mulher como ROSALÍA. Sim, é negra como BEYONCÉ. Mas também é africana como MIRIAM MAKEBA, nascida na Zâmbia, e emigrante criada no Botswana que agora vive em Melbourne, na Austrália. Ah, e com uma editora londrina, a Ninja Tune. De onde é, afinal de contas, SAMPA? No interlúdio "Wake Up", uma voz gravada com o atendedor de chamadas, confessa: "I don't even know where you are..." Ela está, na verdade, a caminho de casa, parece dizer-nos em *The Return*, contagiante mescla de hip hop, afrobeats, neo-soul, jazz, electrónica, r&b e algo mais, tudo combinado em proporções que não se encontram em mais lado nenhum. A não ser na sua cabeça.

SAMPA falou com ALEXANDRE RIBEIRO do *Rimas e Batidas* sobre tudo isto: "A capa foi feita na Zâmbia. Estou sentada em frente a uma habitação que remete para "casa", o grande tema que liga o álbum", explica a artista, revelando, afinal de contas onde se encontra, pelo menos espiritualmente. "Como já disse noutras entrevistas, eu comecei a minha carreira na Austrália e descobri que estar longe de casa cria uma sensação de deslocamento. Quando discuti isso com os meus amigos e familiares, ficou claro que muitos de nós passam por esse sentimento de nos sentirmos deslocados. Ainda mais se não pudessem voltar a casa; ou até podes estar no teu sítio e não te sentires em casa. Por essas razões, o assunto "casa" tornou-se um tópico central e questões como "onde é que é a nossa casa?", "o que é realmente casa?" e "podemos criar um sítio que sintas como casa dentro de ti próprio?" foram-se levantando durante a construção do disco. Por isso, achei que era importante pôr uma casa na capa, já que é sobre isso que fala".

Estamos em 2019 e SAMPA THE GREAT não sente, como tantos/as outros/as artistas no presente, necessidade de fingir que é americana ou europeia. A sua singularidade, a sua particular experiência, é a fonte da sua arte: "Eu acho que o que liga a Diáspora africana é a nossa cultura, e essa cultura está cravada na minha música. Eu sei que essa conexão está lá. Estando ligados pela música e cultura, nós, os africanos, vamos reagir a isso onde quer que estejamos no mundo. Temos o exemplo do género afrobeats, que vem da cultura nigeriana,

mas que é abraçada por todos. Eu acho que viajar ajudou a isso porque estive em diferentes sítios e vi que a Diáspora dança a mesma música que dançamos em casa. No fundo, ajudou-me a perceber que essa ligação existe a um nível global".

A voz de SAMPA — a sua personalidade, o seu timbre e grão, a sua tessitura, a sua entrega e elasticidade — é, afinal de contas, o grande trunfo deste *The Return*. ouvi-la é escutar um incrível instrumento, capaz de enormes subtilidades, em que nos podemos perder tranquilamente, seguros que nos reencontramos sempre, pois na sua execução reconhecemos a classe familiar dos grandes artistas a que regressamos com frequência. E se calhar podemos ler assim também o título deste primeiro registo de longa duração oficial de SAMPA THE GREAT: um regresso que vamos querer ensaiar muitas vezes, como quando voltamos

a casa para nos rodearmos do que amamos, do que é familiar e nos oferece o conforto sem que não saibamos viver. É isso: a voz de SAMPA soa a casa. E não há melhor elogio do que esse...

texto por Rui Miguel Abreu

CASA DO CAIS

PAPARAN
(E M A)

CASA DO CAIS

CASA DO CAIS CASA DO CAIS

CASA DO CAIS

A CASA DO CAIS é um exemplo de que podemos ser diferentes, não fazer parte de um molde ou padrão e sermos um caso de sucesso. Num salto de ousadia e a fazer prova de que está a acompanhar as novas gerações, a RTP1 vai transmitir a segunda temporada da CASA DO CAIS. É um motivo de orgulho para os cinco amigos que criaram a série e pensaram nos milhares de jovens que se podem identificar com as suas vidas. A homossexualidade continua a ser um tema que exige ser debatido, quando já deveria ser uma não questão. O racismo continua presente entre os nossos familiares, amigos, conhecidos mesmo que possamos ignorar e fazer de conta que já vivemos numa sociedade evoluída. Por estes motivos e mais uma mão cheia de motivos, é que esta série gera controvérsia e é muito necessária. Se lermos os comentários menos bons direcionados ao elenco, possivelmente vamos concluir que ainda há pessoas que vivem com medo. O medo é filho da ignorância e da angústia do desconhecido e tem sido usado contra todas as gerações que desejam viver a sua vida num mundo que os aceite tal como são. Para todos aqueles que desejam viver numa sociedade livre de preconceitos, sejam todos muito bem-vindos à CASA DO CAIS.

entrevista por Patrícia César Vicente
fotos por Andy Dyo
styling por Patrícia César Vicente
hairstylist Juliana Zabumba
mua Kseniia Popkova

todos usam:
casaco ADIDAS ORIGINALS
calções ADIDAS ORIGINALS
ténis PRIMARK
brincos BE VINTAGE



Eu ouvi, engoli em seco, e continuei a tentar comer enquanto me tentava controlar para não chorar. Não queria que me vissem chorar, porque não queria que também achassem que eu era fraca. Sempre senti, desde criança, que as pessoas à minha volta, incluindo a minha família, me achavam um pouco estranha, daquela forma em que olhavam meio de canto para mim e questionavam as brincadeiras e as coisas que eu dizia. Aquele comentário tirou-me tudo. Foi a primeira vez que me lembro de me sentir desapegada e não compreendida. Aquele pequeno comentário perseguiu-me e ainda persegue. Por isso é que tento ter cuidado com o que digo a outras pessoas. Não quero ser a pessoa que faz um comentário que assombra a mente de outra pessoa. Dito isto, foi um comentário que me magoou imenso, mas que também me fez crescer. Fez com que eu me enfrentasse a mim mesma. Fez-me colocar a questão "afinal, sou digna ou não?" e a verdade é que sou. Sou digna. Somos todos dignos, independentemente das nossas estranhezas, peculiaridades, pontos fortes e fracos. Qual foi a melhor coisa que já te disseram? Quando a minha mãe me disse "Só quero que sejas feliz" depois de ter feito o meu coming out. Não sei se esta foi a melhor coisa que me disseram, mas foi se calhar o que me fez sentir mais apoiada a nível familiar, depois de anos e anos de me negar a mim própria e de me tentar compreender. Permitiu-me parar de viver uma vida dupla com a minha família. Pode ser exatamente quem eu era, sem ter que me esconder. É um privilégio que algumas pessoas hétero tomam por garantido e não se apercebem de como retirar esse direito a pessoas da comunidade LGBTIQ é basicamente retirar o direito de viver destas pessoas. Se não podes amar, o que é que podes fazer? É fantástico como o remover de uma barreira permite que outras pessoas sejam mais felizes e evoluam. Descreve a 2ª temporada da #CasaDoCais numa palavra... Só uma?? Assim é difícil. Mas ok, vou tentar. Acho que a palavra é "diferente". Diferente em todos os sentidos: nas personagens, no tipo de história e situações exploradas em ficção portuguesa, na honestidade dos diálogos, em retratar personagens com falhas, mas também com lados muito bonitos, como todos os que nos rodeiam no mundo real.

Qual foi a pior coisa que já te disseram?

Não me lembro bem da idade que tinha, mas tinha provavelmente 5 ou 6 anos e lembro-me que estávamos a jantar.

A tia da minha mãe, que eu sentia que não ia muito com a minha cara e que já tinha feito uma boa dose de comentários depreciativos em relação a mim, porque eu não era aquilo que ela considerava propriamente normal, disse-me, chateada: "tu nem para comer serves". Quem estava no jantar riu-se. Achou piada. Eu não.

DJUBSU (LARRA)

Qual foi a pior coisa que já te disseram?

Claro que, ao contrário dos meus amigos e colegas da série, as ofensas mais fortes que ouvi na vida foram raciais. Acho que não consigo

eleger uma coisa que tenha sido pior que as outras, num leque de coisas feias que me disseram. Mas destaco então duas histórias. A primeira aconteceu quando eu tinha uns 12 anos e na segunda, 19. Nesta primeira história, morava em Campolide, estava a regressar da escola, e estava muito pensativa. Atravessei a estrada sem estar verde para peões e um taxista ficou chateado (o que percebo). Este senhor podia ter mandado vir e com razão, mas não... Abrandou a velocidade e acompanhou-me uns bons metros a gritar ofensas. Um outro taxista, decidiu juntar-se a ele. Entre várias ofensas raciais, lembro-me bem de algumas frases:

"Na tua terra não deve haver semáforos." e o clássico: *"Preta de merda!"*

Quando cheguei a casa, fechei-me no quarto, chorei durante horas. Um misto entre raiva e culpa. Tive imensa vontade de fazer mal a mim mesma. Nunca mais me esqueci dessa tarde... A segunda história é conhecida pela maioria da malta que me conhece. Eu fazia vídeos para o Youtube com o nome DJUBSU e esse acabou por ser o vídeo mais visto, comentado e partilhado do meu canal. Tinha ido sair com umas amigas e do grupo de cinco amigas, fui a única a ser impedida de entrar naquele espaço noturno (que vim a saber mais tarde ter um extenso, preconceituoso e violento historial). Sem olharem para mim diretamente, disseram apenas que o motivo era a minha afro. Na altura achei tão descabido que não consegui ficar



ofendida. A ficha só caiu quando o vídeo começou a chegar às pessoas e as pessoas responderam com mais relatos semelhantes... Muitos deles mais bem mais graves. Ainda há racismo em Portugal. Algum bem escondidinho e disfarçado.

Qual foi a melhor coisa que já te disseram?

Eu sou uma pessoa intensa. Demasiado até...e sei disso. Toda a gente tem os seus demónios e eu conheço bem os meus, mas a verdade é que concordo quando me chamam boa pessoa. No Arraial Pride 2018 em Lisboa, estive no palco com os restantes 4 membros da CASA DO CAIS. Esta tarde foi quente e super bem passada. Numa das vezes que desci para dar água a jovens que lá estavam há várias horas, vejo uma menina entusiasmada que pareceu querer vir comigo ao palco. Chama-se Madalena e deu-me um abraço com aqueles bracinhos de 9 anos e eu retribuí. Ela queria subir ao palco e com autorização da mãe, lá conseguimos concretizar este desejo. Antes de subir ao palco com a Madalena, a sua mãe disse-me que estavam ainda à espera do seu filho mais velho. Não me lembro do nome, mas ele tinha 17 anos e sofria de bullying na escola por ser gay. Sem adiantar muito esta conversa, subi ao palco com a Madalena e dançámos... A Madalena tomou conta do palco do Terreiro do Paço sem grande ajuda. Pouco antes de levar a menina de volta para a mãe, pedi para o André Mariño tirar a música. Apresentei a Madalena e falei do seu irmão, que era alvo de preconceito e ignorância. Olho para a Madalena e pergunto se ela quer dizer alguma coisa ao microfone. Ela pega no microfone e diz que sabe que o irmão é gay e que o ama muito. E ouvimos uma enorme salva de palmas. Descemos para ir ter com a mãe da Madalena, que estava a

chorar. Dá-me um abraço forte e diz-me: *"Obrigada"*, ao que respondi: *"Obrigada eu!"* e abraçámo-nos. São momentos como este que me enchem o coração e me fazem ter a certeza de que o tenho no sítio certo...apesar da cabeça estar sempre na Lua. Descreve a 2ª temporada da [#CasaDoCais](#) numa palavra... Ousado!

chorar. Dá-me um abraço forte e diz-me: *"Obrigada"*, ao que respondi: *"Obrigada eu!"* e abraçámo-nos. São momentos como este que me enchem o coração e me fazem ter a certeza de que o tenho no sítio certo...apesar da cabeça estar sempre na Lua.

Descreve a 2ª temporada da [#CasaDoCais](#) numa palavra... Ousado!

(JAY)

Kiko (Jay)

Qual foi a pior coisa que já te disseram?

Acho que podia escrever um livro de insultos que as pessoas já direcionarem à minha pessoa. Já perdi a conta ao longo destes 8 anos de vida "pública" das vezes que completos estranhos tiveram opiniões negativas sobre mim, e pior, que tiveram a necessidade de expressá-la diretamente a mim. Paneleiro, gay, bicha, aberração, devia arder no Inferno, fútil, estúpido, inútil para a sociedade, traveca... Acho que não há nada que não me tenham chamado. Podia também falar claro, dos anos, pré-estrelato, na escola, em que fui alvo de bullying diário. Em que contei com

os dedos de uma mão os amigos que consegui fazer, que me aceitavam completamente pelo que eu era. Mas acho que as coisas que mais me marcaram foram os gozos de o meu pai me fazia constantemente antes de eu sair de casa, quando comecei a usar roupas mais femininas e a usar maquiagem. Ao longo do tempo tenho feito as pazes com isso, como é obvio. Tento entender que é uma geração diferente e sei que esses comentários para ele não tiveram tanta importância.

Mas a verdade é que as coisas que nos acontecem em estágios primários da vida, são coisas que muitas vezes nos seguem e nos acompanham para o resto do dia.

Sabendo de como a opinião do meu pai afetou a mi-

nha auto-estima e criou em mim inseguranças enormes, faz-me querer e apelar a todos os pais que tenham em consideração que os vossos filhos são pessoas individuais, com vontades próprias, gostos diferentes, e não tem mal quererem explorar isso, já é difícil o suficiente lá fora e é ainda pior quando esse julgamento vem de dentro de casa, do nosso suposto lugar "seguro".

Qual foi a melhor coisa que já te disseram?

Não é engraçado como por vezes nos lembramos muito mais rapidamente das coisas negativas que nos disseram, do que as positivas?

Tenho a sorte e o privilégio de poder dizer que já perdi também a conta das coisas boas que me disseram. Tive a sorte de conseguir viajar por todo o país na altura que comecei e me tornei uma estrela no Youtube e as coisas que ouvi de jovens frágeis, de como a minha pessoa, os meus vídeos, os fizeram ter mais coragem, serem mais eles próprios, não se importarem com o que as pessoas dizem...é realmente

recompensador. Não podia pedir mais nada com o que eu faço. Por vezes dou por mim a pensar que a minha existência terá esse propósito na terra. A minha mera existência é política. A maneira natural com que olho e vivo a minha vida, abre portas para jovens que não vivem no centro de Lisboa, como eu, percebam que existem pessoas como eles. Que pensam como eles. Recordo-me em especial, de uma menina que teve internada no hospital, com graves problemas mentais e que começou a ver os meus vídeos e lentamente conseguiu tomar cada vez menos medicação, e sentir-se cada vez melhor. Ainda hoje tenho arrepios quando penso nisso.

Descreve a 2ª temporada da [#CasaDoCais](#) numa palavra... Transformadora.

ANDRÉ MARINHO (ALEX)

Qual foi a pior coisa que já te disseram?

É estranho, mas numa viagem pela minha memória, não consegui voltar com uma lembrança de um momento crucial, em que me tenham dito algo que me deixou incapacitado de alguma forma.

Acho que foram sempre pequenos cortes: um "maricas" a apunhalar ali, um "bicha" a espetar acolá, entre outras palavras que me esfaquearam figurativamente a partir do meu 5º ano. Porém, lembro-me distintamente da primeira vez que me chamaram, a grande e pomposa palavra: **paneleiro**. Recordo-me, não pela dor infligida mas pela inocência com a qual a recebi, já que eu não sabia o que era. Só conseguia sentir o tom depreciativo, sem o meu cérebro fazer a associação completa, porque acima de tudo, nem eu compreendia que referenciavam a minha sexualidade. Da qual eu nem tinha consciência,

pela falta de representação que este país tinha. Mal sabia eu que essa palavra ia ser uma constante, nos corredores, em sussurros, em berros na minha cara, quando me deram um murro ou quando me rodopiaram pelos pés e me atiraram contra uma parede deixando-me hospitalizado. Contudo, "paneleiro" é meramente uma palavra e há que pegar nela e noutras e virá-las ao contrário dentro dos nossos meios, tirar-lhes o peso, dar-lhe outro. Para quando ouvires "paneleiro" ou seja o que for, não sentires absolutamente o peso das inseguranças das outras pessoas projectadas em ti.

Qual foi a melhor coisa que já te disseram?

Não sei se será a melhor coisa que já me disseram mas significou toneladas para mim ouvir da boca

de uma rapariga que se assumiu aos pais e estava a explorar o seu lado masculino por causa da série. Fez-me sentir ainda mais que o conteúdo que eu estou a criar, apesar de ser leve e hedonístico, traz à luz representação que não existe em Portugal. Uma representação multifacetada e natural, em que o define a personagem não é sair do armário contra os pais odiosos, onde os corpos não sou perfeitos, onde as ideias do que é ser homem ou mulher, feminino ou masculino são questionadas visualmente. Acima tudo, uma representação em que o dilema não é como a sociedade vai lidar connosco, que por si só já tem um subtom de exclusão, mas sim como moldamos e fazemos parte da sociedade. Enfim, uma representação que me teria ajudado imenso há uns anos atrás.

Descreve a 2ª temporada da #CasaDoCais numa palavra...

Creio que a palavra que define melhor a #CasaDoCais esta temporada, como a anterior, é diversidade. Acho um triunfo ver uma estação nacional pegar num projecto nada "friendly" e que representa imensas facetas da comunidade LGBTQ+ de uma maneira que não é didática, pedagógica ou moralista. Principalmente num país demograficamente muito envelhecido e um background religioso com séculos e séculos.



ANDRÉ MARINHO (BIA)

Qual foi a pior coisa que já te disseram?

Já me fizeram um ou outro insulto graves que penso não serem tão merecedores de serem abordados aqui, talvez por agora serem mais irrelevantes. Mas posso partilhar que alguns comentários feitos a pessoas de quem gosto, como ao Kiko ou à Pep, marcaram-me bastante e fizeram-me sentir tão ou mais insultada do que se tivesse sido comigo própria. Fiquei um bocado chocada quando comecei a perceber que ainda são muitos os insultos a pessoas que fogem ao que é considerado "normal" para uma parte da sociedade mais convencional, sejam eles comentários homofóbicos, racistas, xenófobos, ou outros. Por exemplo, lembro-me uma vez que estávamos eu, a Pep, a Soraia e o Kiko, no Lux a dançar e um homem aproxima-se da Pep e apalpa-lhe as mamas descaradamente com as 2 mãos. Ficámos todos em choque. A Pep foi apanhada tão desprevenida quem nem conseguiu reagir apenas tirar-lhe as mãos de cima dela e dizer-lhe: "Tas-te a passar?". O homem disse sem vergonha na cara: "É um gajo ou uma gaja?" Claro que na raiva do momento e perante o desrespeito, tivemos todos vontade de lhe bater, o que não iria resolver nada, por isso, viemos-nos apenas embora imediatamente.

Com isto quero dizer que também os actos podem ser insultos, aliás muitas vezes, a forma como tratamos as pessoas, como as olhamos, como insinuámos algo de forma irónica sem ser um insulto directo, são os piores insultos porque estão disfarçados e não dão tanta oportunidade à outra pessoa de se defender. Para quem sofre com estas questões, não tenham medo de o dizer se sentirem que algo que vos disseram não é respeitoso. É a conversar que nos tornamos mais informados, mais entendedores e, por isso, menos ignorantes, que é um dos motivos pelos quais eu acredito que há tantos insultos.

Qual foi a melhor coisa que já te disseram?

Quando estava no 1º ano da minha licenciatura em Design Industrial, tive uma negativa no primeiro semestre à cadeira mais importante, Design. Com todas as novidades e maluqueiras do mundo académico, e somando a isso a quantidade absurda de trabalho que tínhamos que entregar todas as semanas a



várias disciplinas, fez com que eu estivesse um bocado à toa e não estivesse a conseguir ter o melhor aproveitamento.

Tinha nessa altura um professor de Design muito peculiar, que se viria a tornar alguém muito importante para mim. O professor Maia, era o género de professor que não levava muito a sério alguns protocolos universitários.

O Professor Maia era bruto, mas de alguma forma, eu sentia que ele pensava fora da caixa da maioria dos professores no ensino privado, talvez por isso até tenha comprado algumas "guerras" dentro do sistema da universidade, mas eu sentia que ele tinha visão e que era um bom professor. Chegou o dia da entrega final a Design no 1º semestre. O professor Maia veio à minha mesa e disse-me: "Helena. (pausa dramática) Tu és um diamante em bruto." Eu olhei-o incerta porque me parecia um elogio mas as suas

mãos a segurar a testa como se tivéssemos ali um problema, diziam-me o contrário. "Mas tens de lapidá-lo. Sem isso, ÉS SÓ UMA PEDRA!". Ainda hoje me dá vontade de rir quando me lembro disto, porque foi quase um "turn off" mas com esperança de que um dia poderia aprender a lapidá-lo. No 2º semestre, o professor Maia deu-me 18 valores no projecto final e encheu-me de orgulho. Com este professor aprendi que nem tudo está certo ou errado, nem tudo é bom ou mau, o importante é dedicarmo-nos verdadeiramente àquilo que queremos alcançar porque temos mais capacidades do que normalmente achamos.

Descreve a 2ª temporada da #CasaDoCais numa palavra...

Empoderadora, seria uma das palavras que poderia escolher! A CASA DO CAIS é um projecto que foi pensado para dar representação a esta comunidade que já não se esconde como antigamente, mas que ainda necessita de muito trabalho para que possamos sentir-nos seguros e respeitados por este mundo fora. Pelo que alguns fãs me con-

tam, acredito que trouxe compreensão, companhia e amizade para muitas pessoas que se sentiam sozinhas na sua orientação, género e/ ou identidade, no contexto do seu dia-a-dia. Deu esperança a muitas pessoas, deu força a tantos outros para se assumirem aos seus familiares, amigos e colegas, mesmo nas terrinhas menos desenvolvidas para estes assuntos. E desconstruiu alguns preconceitos, recorrendo sempre à comédia, que para mim torna o conteúdo mais divertido de consumir e deixa a mensagem de que podemos sempre rir-nos do quão estúpido pode por vezes ser a nossa realidade, mas que podemos contribuir para a sua mudança, todos os dias um bocadinho. Não apenas nos gestos arrojados e corajosos, mas nos pequenos gestos, vivendo a nossa verdade e tentado contribuir para um país mais inclusivo e igualitário, por isso, menos injusto.

UAU PROJECT



UAU PROJECT



A Uau project é uma formação de designers, fundada em 2011, por JUSTYNA FALDZINSKA e MILOSZ DABROVSKI. Ambos residentes na bonita cidade de Varsóvia, pertencem a uma geração de designers que desenvolve um trabalho pertinente, longe já dos ideais de design racionalista militados no século XX, do cinzento da escola de Ulm e dos princípios redutores industrialistas. O design das novas gerações não se cuíbe de oferecer um festival de cores e formas, profíquo, para deleite de muitos.

Esta policromia é visível em vários dos projectos da Uau. Sobretudo os mais recentes e coloridos candeeiros *Neptune*, *Anemone*, *Bubble* e *Bloom*. Causam perplexidade e alegria quando os descobrimos ou vislumbramos. São, de facto, tão delicados pelas suas formas e riqueza pantone que fazem jus ao próprio nome: Uau! A fonte criativa de MILOSZ e JUSTYNA é inesgotável, fresca e livre. E não são alheios às questões de sustentabilidade. O mais recentes candeeiros da dupla de designers provenientes da Polónia são feitos de materiais recicláveis, sobretudo oriundos de bioplásticos à base de plantas. O chamado PLA. O PLA é um polímero composto por moléculas de ácido láctico orgânico de origem biológica. Mais precisamente designado por Poliláctico, ou poliláctico. Diz-se que foi criado algures, por GARFILL DOW, em 2000. Não há muito tempo, e deriva de uma simples e banal planta, o milho. O estranho PLA está mais próximo de nós do que julgamos, e já deve ter entrado em todas as nossas casas. É usado em embalagens alimentares descartáveis, à escala global, e por marcas que todos conhecemos, como a Tetrapack. A boa rigidez, elasticidade, capacidade de moldagem, entre outras propriedades mecânicas, como o comportamento termoplástico, tornaram-no um material especial, de eleição para estes candeeiros. E as mesmas qualidades deste polímero parecem "casar" bem, e sem grande dificuldade, com as formas fluídas digitais que a Uau desenha e cria, usando softwares próprios.

UAU PROJECT UAU PROJECT



UAU PROJECT



Já passaram alguns anos para concluirmos, sem grande dificuldade, que a esfera virtual trouxe com ela múltiplas possibilidades criativas e estéticas, e que, através de scanners 3D, essas esferas, desenvolvidas digitalmente, podem ser trazidas para a nossa realidade palpável, das coisas analógicas. MILOSZ e JUSTYNA conseguem-no, através dos seus maravilhosos candeeiros. Por isso, é sempre agradável poder tocar na "realidade virtual", tocar nos candeeiros *Neptune*, por exemplo, e poder passar as nossas mãos pelas superfícies texturadas e estriadas. Consistindo numa experiência plena de sentidos.

UAU



UAU PROJECT



PROJECT

UAU PROJECT

UAU

PROJECT

texto por Carla Carbone



WHEN THEY SEE US YOUSEF

No fim-de-semana anterior ao fecho deste artigo, a série do Netflix WHEN THEY SEE US, foi distinguida nos Emmy de Artes Criativas com o galardão de Melhor Filme/Série Limitada.

A série relata a experiência dos cinco exonerados, previamente explorados pelos media como Os Cinco do Central Park, um grupo de rapazes afro-americanos adolescentes, entre os catorze e os dezasseis anos, que caíram nas garras dos preconceitos e da falta de discernimento, da ganância e do individualismo tão prevalentes na sociedade capitalista, sendo erroneamente acusados da violação de uma mulher (branca) no dito Central Park de Nova Iorque, em 1989. Não haviam provas físicas que os acusassem (aliás, as que existiam gritavam que os jovens não eram os culpados e foram intencionalmente ignoradas), e os adolescentes não tiveram sequer o direito de voltar a ver a luz do dia ou a despedirem-se das suas famílias – antes de cumprirem as sentenças (variadas, entre 5 a 15 anos) que os mantiveram ilegalmente encarcerados. *When They See Us* é baseado na história real de ANTRON MCCRAY (Caleel Harris/Jovan Adepo), KEVIN RICHARDSON (Asante Blackk/Justin Cunningham), KOREY WISE (Jharrel Jerome), RAYMOND SANTANA JR. (Marquis Rodriguez/Freddy Miyares) e YUSEF SALAAM (Ethan Herisse/Chris Chalk). Na reunião organizada por OPRAH WINFREY e também disponível no mesmo popular website, as vítimas expuseram que estão traumatizados para sempre. Cumpriam, no entanto, um importante propósito. A série, escrita e realizada pela brilhante AVA DUVERNAY foi nomeada para 16 Emmys no total e causou indignação por todo o mundo. Aconselha-se alguma preparação ao espectador: trata-se de uma descrição emocional e que induz a reflexões fortes e profundas. É difícil mas absolutamente obrigatória.

Mas o que tem este assunto, reflexo tão fiel da voracidade americana, a ver com o nosso pacato país? Um caso como este poderia acontecer em Portugal? Não? Tudo aponta para que poderia. Recentemente, um artigo sobre quotas para as minorias étnico-raciais no Parlamento, escrito por alguém que se teria ocupado de estudar História e publicado num dos principais jornais portugueses – que já não são nem muitos nem encerram uma agenda variada – chocou o país. Esta era uma absurda carta aberta, repleta de citações grosseiras próprias de imaturos e malcriados, como mulheres de minissaia e pernas abertas na mesa de café. Uma vergonha para a sociedade evoluída e um embaraço para os media portugueses. Alguns ainda tentaram escrever artigos para tentar salvar a situação mas estas foram igualmente tristes. A realizadora AVA DUVERNAY comentou sobre o propósito do seu trabalho: é importante que as pessoas (que cometem crimes de racismo) sejam responsabilizadas. Essa responsabilidade está a ser realizada através deste produto de entretenimento. Ela, (referindo-se à promotora de justiça LINDA FAIRSTEN que trabalhou para condenar os jovens-vítimas) é parte de um sistema que não está débil, mas que foi criado mesmo assim. Foi criado para colocar umas classes ou culturas acima das outras e criado para controlar. Foi criado para desenhar a cultura num formato próprio para reter algumas pessoas e propulsionar outras. Para lucrar. Para oferecer benefícios políticos e poder a alguns e dispersar outros”. YOUSEF, KEVIN, ANTRON, KOREY & RAYMOND. Eu. Tu. Eles. Nós. Todos.



ANTRON KEVIN ANTRON KOREY YOUSEF

WHEN THEY SEE US RAYMOND

texto por Diana de Nóbrega

PAUL PRECIADO

PAUL PRECIADO

PAUL PRECIADO

PAUL PRECIADO

PAUL PRECIADO

UM DISSIDENTE DO SISTEMA SEXO - G É N E R O



“Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou hétero. Não sou homossexual. Também não sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos presa a um regime político e epistemológico binário, gritando à vossa frente”. É desta forma que o filósofo transgênero e ativista queer PAUL B. PRECIADO se define. O excerto está incluído no recente livro “Un apartamento en Urano: Crónicas del cruce” (2019), no qual o autor questiona e analisa as normas políticas e as atuais estruturas sociais, culturais e sexuais.

PAUL B. PRECIADO, que nasceu BEATRIZ PRECIADO em 1970, em Burgos (Espanha), é um dos mais influentes autores contemporâneos sobre questões de gênero, corpo, identidade, sexualidade e teoria queer. Sob a mentoria de ÁGNES HELLER e JACQUES DERRIDA, estudou Filosofia e Teoria do Gênero na New School for Social Research de Nova Iorque. Posteriormente, obteve um doutoramento em Filosofia e Teoria da Arquitetura pela Universidade de Princeton.

Segundo a revista Art Review, PAUL B. PRECIADO é também uma das 25 pessoas mais influentes da arte contemporânea, devido ao seu trabalho de curadoria de arte. Entre 2011 e 2014, foi diretor de Programas Públicos do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) e diretor do Programa de Estudos Independentes (PEI). Foi também curador de Programas Públicos da 14.ª edição da Documenta, que ocorreu em Kassel e Atenas em 2017. A Documenta acontece de 5 em 5 anos e é a maior exposição de arte contemporânea a nível mundial. Recentemente, PRECIADO foi curador do pavilhão de Taiwan na 58.ª Exposição Internacional de Arte - Bienal de Veneza 2019.

Em 2002, lançou o livro “Manifesto Contrassexual” sobre a construção política e social do sexo e a produção da subjetividade como forma de resistência, que o tornou numa figura de referência do pensamento queer e do ativismo trans. Embora o “Manifesto Contrassexual” apenas tenha sido editado em Portugal pelas Edições Unipop em 2015 (13 anos após a publicação do original), continua a ser uma leitura imprescindível nos dias de hoje. Influenciado pelas teorias de JUDITH BUTLER, MICHEL FOUCAULT e DONNA HARAWAY, o filósofo espanhol renuncia a ideia de uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente. É também autor de outros livros de referência como “Testo Yonqui” (2008) e “Pornotopia” (2010).

PRECIADO acredita que o feminismo é necessário mais do que nunca como resposta à ordem social altamente normativa. Defende também que identidade de gênero e a raça são uma invenção do patriarcado colonial desde o século XV. “A nossa tarefa não deve ser a identificação, mas sim de não identificação contra as políticas heteropatriarcais, que defendem que se uma mulher não for mãe, é uma pária”, afirmou em entrevista ao El País, em abril de 2019.

Em 2014, PRECIADO anunciou que estava em processo de transição do sexo feminino para o masculino. Acredita que a homossexualidade e a heterossexualidade são invenções políticas. É um assumido defensor da diversidade e vê a transexualidade como um ato político. Por isso mesmo, o autor do “Manifesto Contrassexual” tenta evitar a utilização do sistema binário (homem-mulher ou masculino-feminino). Em entrevista ao jornal EL Mundo, em abril de 2019, afirma que este sistema tem como objetivo “segmentar a população em dois nichos de reprodução biológicos, estabelecendo normativamente a heterossexualidade como núcleo familiar”. No entanto, este paradigma entrou em crise na década de 40, “porque a medicina confirmou que existem variações genéticas, morfológicas e cromossômicas”. “Assim nasceu a inter e a transexualidade, de modo a aplicar operações e hormônios

e redirecionar os corpos para o binarismo legal”, acrescentou na mesma entrevista.

O seu processo de redesignação de gênero de BEATRIZ para PAUL, através de injeções hormonais, mutações no corpo e mudança de nome foi o ponto de partida do recente livro “Un apartamento en Urano” (ainda sem data de lançamento em Portugal). Além de abordar questões relacionadas com a transição de gênero, o filósofo e comissário de arte espanhol reflete também sobre a crise grega, as novas formas de violência masculina, o feminismo, a apropriação tecnológica do útero, o movimento zapatista no México e a América de Trump, por exemplo.

A maior parte da sua obra baseia-se na análise da experiência humana que se encontra em espaços intermédios ou de transição. Espaços que rompem ou se opõem às formas de poder, quer políticas, identitárias ou sexuais. “A travessia é o lugar da incerteza, da não-evidência, do estranho. E isto não é uma fraqueza, mas um poder”, afirma o ativista. Para PENSADO, os migrantes são aqueles se encontram numa condição de maior cruzamento, na medida em que atravessam os limites de gênero, geográficos, políticos, nacionais e sexuais.

“A mudança de sexo e a migração são as duas práticas de travessia que, ao porem em xeque a arquitetura política e legal do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, colocam o corpo humano nos limites da cidadania e até do que entendemos por humanidade. O que caracteriza as duas viagens, para além do deslocamento geográfico, linguístico ou corporal, é a transformação radical não só do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe ou rejeita. O antigo regime (político, sexual, ecológico) criminaliza todas as práticas de travessia”, declara num fragmento do novo livro.

Defende abertamente que o sexo é uma imposição política e confessa que enfrentou desafios quando começou a ter “uma aparência masculina e continuava a ter um passaporte com identidade feminina”. “Cruzar a fronteira era um desafio. Apercebi-me da precariedade do nosso estatuto de cidadania”, disse à revista ICON em junho de 2019.

Ao questionar e atravessar o regime de poder instituído, o percurso do autor espanhol possibilita uma reflexão enriquecedora sobre a humanidade. O constante apelo ao afastamento das normas e a procura pela liberdade colocam PAULO B. PRECIADO na linha da frente dos estudos de gênero e da teoria queer.

texto por Miguel Rodrigues

fotografia **FREDERICO SANTOS** (@fredericosantos)
styling **DANIELA GIL** (@gildanielar)
make-up **LAURA COSTA** (@makeuplauracosta)
model **DOUGLAS HERTZMAN**
(@douglasshertzman) → **Elite Lisbon** (@elite_lisbon)

tricot **MARCIANO LOS ANGELES**
calças **DOCKERS**
botas **PALLADIUM**



blusão **LEVIS**
calças **LEVIS**
camisola **LACOSTE**
ténis **CONVERSE**





casaco ANTONY MORATO
camisa FRED PERRY
boina FRED PERRY



tshirt VANS
calças INÊS TORCATO
sapatos BIRKENSTOCK



blusão LEVIS
chapéu NEW ERA



casaco PATRICK DE PÁDUA
camisola FRED PERRY
cachecol FRED PERRY
calças LEVIS
botas MERREL

fotografia FREDERICO SANTOS (@fredericosantos)
ass. foto RICARDO ARRIAGA (@arriaga_riardo)
styling SARA SOARES (@cest.fantastique)
make-up BEATRIZ TEXUGO (@beatriz.texugo.mua)
model EMMA HOPKINSON (@emmahopkinson_)
→ Karakter Agency (@karakteragency)
studio ColorFoto (@colorfoto)



casaco INÊS TORCATO
tshirt YUMMI
chapéu LACOSTE X GOLF LE FLEUR
calções LACOSTE X GOLF LE FLEUR
óculos DIOR em Olhar de Prata

sweatshirt FILA
top DAVID FERREIRA
chocker DINO ALVES
tênis (esq.) BUFFALO
tênis (dir.) UGG





casaco GONÇALO PEIXOTO
sweatshirt CONVERSE

sweatshirt FILA
calças FILA
top RICARDO ANDREZ
óculos MIU MIU na Olhar de Prata





calções NEW ERA
camisa ERA
cachecol FILA
tênis BUFFALO



casaco GONÇALO PEIXOTO
tênis BUFFALO
chapéu NEW ERA



casaco GONÇALO PEIXOTO
sweatshirt CONVERSE
tshirt VOLCOM
calças FILA
tênis CONVERSE

casaco GONÇALO PEIXOTO
tshirt JOÃO MAGALHÃES



fotografia PEDRO LEOTE
styling PEDRO APARÍCIO
make-up CATARINA PINTO
model ELIANA → OnWay Models
DIOGO A. GOMES → Just Models



Eliana →
top MAFALDA FIALHO
camisola, saia e botas GUESS
brincos BERSHKA

Diogo →
camisa e hoodie FRED PERRY
calças VANS
sapatilhas CONVERSE

Eliana →
top OUTRA FACE DA LUA
casaco TWINSET
saia TOMMY HILFIGER
brincos BERSHKA



Diogo →
colete e jardineiras TOMMY HILFIGER



Diogo →
camisola SCOTCH X SODA
calças TOMMY HILFIGER
boxers CALVIN KLEIN
correntes OUTRA FACE DA LUA
óculos WIDE SHADES



Eliana →
polo OUTRA FACE DA LUA
casaco GUESS
saia OUTRA FACE DA LUA
cinto GUESS
óculos WIDE SHADES

Diogo →
camisola SCOTCH X SODA
calças TOMMY HILFIGER
boxers CALVIN KLEIN
correntes OUTRA FACE DA LUA
óculos WIDE SHADES



Diogo →
calções PATRIK DE PÁDUA



Eliana →
top JUST CAVALI
calças GUESS
óculos WIDE SHADES
brincos BERSHKA

Diogo →
camisa e hoodie FRED PERRY
calças VANS



Eliana →
top OUTRA FACE DA LUA
casaco TWINSET
saia TOMMY HILFIGER
brincos BERSHKA



Diogo →
top OUTRA FACE DA LUA
óculos WIDE SHADES



EAST MAMBO

texto por Maria São Miguel



Até um *kebab* pode ser elevado ao grau da excelência. Esta é a proposta de BERNARDO AGRELA um reputado chef que num projecto pessoal emprega todo o seu conhecimento de alta cozinha no maravilhoso mundo do *junk food* e o resultado é uma conjugação de sabores frescos que é um festim para o palato. A magia acontece num espaço pequeno perto de São Sebastião onde o menu aparece escarrapachado nas paredes porque

se exige que o sítio seja rápido, porque ainda assim, não pode fugir ao imaginário do *fast food*. O menu um tem *kebab* e bebida (40€), o dois acrescem as batatas com dupla fritura (42€), o três tem tudo isto e um mix de entradas (45€) e o quatro, mais simples, tem sopa, salada e bebida (6,50€). Os *kebabs* são feitos numa miniatura de um forno *tandoor*; uma peça em barro com caixa de areia que pesa uns 100 quilos e é uma reprodução dos

EAST MAMBO
Rua Latino Coelho, 87A

Seg. → Qua.
11:00 → 16:00

Qui. → Sáb.
11:00 → 16:00
19:00 → 22:30

T 218 027 906

tandoors indianos, com carvão e lenha sempre a arder que dão o tal cheiro fumado à sala. Um dos *kebabs* leva borrego, molho agridoce, outro tem frango *tikka*, gel de laranja. Há um vegetariano com falafel de favas e o quarto é de gambas, que são fritas com um molho que tem tanto de doce como de ácido. São servidos abertos e é o cliente que os fecha, juntando as duas metades do pão e envolvendo-o com o papel em que são servidos.

LESSA

texto por Maria São Miguel

Depois de uma passagem pela cozinha do chef KIKO, ANDRÉ PINTO BAPTISTA, ex-engenheiro com formação na Escola de Hotelaria do Porto, resolveu dar um salto, lançando-se num projeto novo por conta própria. Abriu um restaurante em Leça que se chama Lessa por referência ao nome da rua, a Santos Lessa. Apaga da memória o antigo café escuro propondo no seu lugar um espaço luminoso com vista para o mar. Como não podia deixar de ser é um espaço que privilegia os produtos do mar, mas não quer enquadrar-se nos parâmetros da cervejaria/marisqueira como outros que podemos encontrar na zona. É um espaço pequeno que se quer sem cerimónias, aberto todo o dia com propostas de refeições versáteis. Por isso mesmo mantiveram um

balcão corrido e uma carta curta sem grandes complicações onde podemos encontrar referências a clássicos como croquetes de leitão da Bairrada, camarão ao alho com manteiga de ervas, pica-pau com molho de carne, preguinho no pão e sandes de presunto e ovo Já referente ao peixe, podemos ter uma conserva do dia feita na casa ou a pescaria frita em farinha de milho, que pode variar entre petingas, choco ou lulas, dependendo do que houver de mais fresco no mercado. Há ainda ceviche e tártaro que tanto pode ser de peixe como de novilho. Para pratos substanciais propõe a sua versão de arroz de marisco com molho de cataplana e um carolino de feijão com bochecha de porco, cozinhada lentamente.

LESSA
Rua Santos Lessa, 129
Leça da Palmeira, Matosinhos

Ter. → Dom.
12:00 → 22:00

T 221 141 045

PARQ HERE



VINTAGE STREETWEAR • RUA DA FIRMEZA 394, PORTO, PORTUGAL • +351 966 555 812 • facebook.com/chicleteshop • instagram.com/chicleteshop

67

PARQ HERE



by LUCAS BERNARDES
ENEKO LISBOA
 + **BASQUE**

texto por Francisco Vaz Fernandes

Eneko Atxa em Lisboa

De uma assentada, Lisboa ganha dois restaurantes com conceitos separados por uma leve cortina. Serve-lhes de palco o Antigo Alcantara Café que sem grandes alterações não deixa de continuar a ser um dos espaços mais bonitos da cidade. São uma proposta do grupo de Penha Longa Resort que tem por trás um dos mais aclamados chefs catalães, ENEKO ATXA, três estrelas Michelin a frente do seu Azurmendi, considerado o 14.º na lista do The World's 50 Best Restaurants.

Eneko Lisboa

Restaurante de *fine dining*, que repete o modelo do Eneko Bilbao, onde serão servidos dois menus de degustação: *Errroak* e *Adarrak*. Neles figuram alguns dos pratos mais conhecidos do Azurmendi e outros que serão novidade. O lavagante

assado e descascado com molho, manteiga de café e cebola roxa de zalla, camarões da costa com gel vegetal e granizado de tomate velho ou castañeta de porco ibérico com bombons de queijo Idiazabal e caldo de cogumelos são alguns exemplos.

Basque

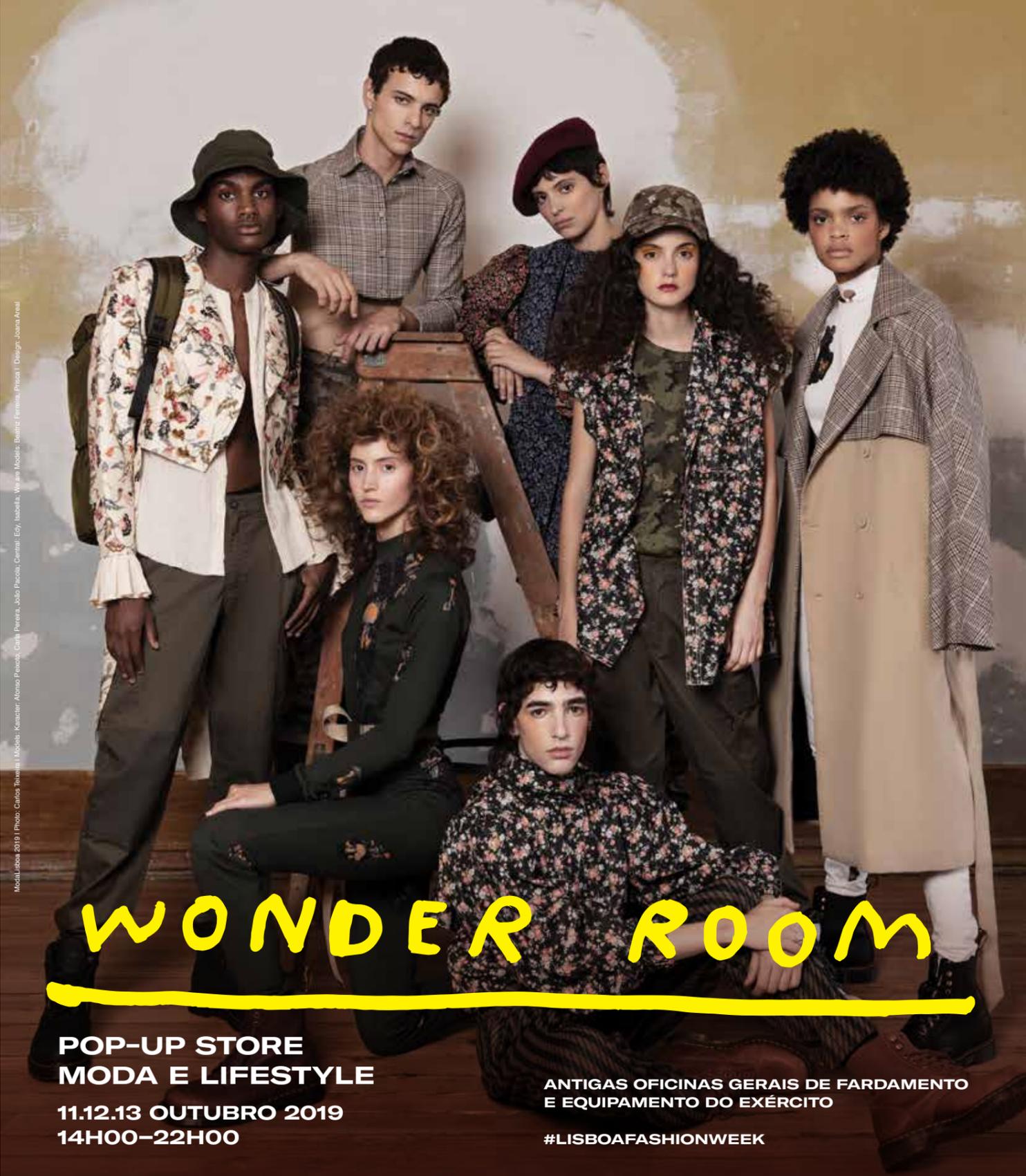
A lembrar uma típica tasca basca, Basque terá uma carta com vários pratos (alguns deles petiscos) ideais para partilhar. Lulas em tempura japonesa com cebola confitada por 48 horas, mexilhões na brasa levemente fumados, sames de bacalhau no forno em molho biscainho ou carré de cordeiro na brasa com puré de alho confitado e jus de cordeiro, são quatro sugestões de um menu que inclui ainda opções de sobremesa. Ambos os restaurantes contam com a supervisão do chef residente, LUCAS BERNARDES.

BASQUE
 Ter. → Sáb.
 19:00 → 24:00

ENEKO LISBOA
 Ter. → Sáb.
 19:30 → 23:30

Rua Maria Luísa Holstein, 13
 Lisboa

PARQ HERE



WONDER ROOM

POP-UP STORE
MODA E LIFESTYLE

11.12.13 OUTUBRO 2019
14H00-22H00

ANTIGAS OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO DO EXÉRCITO

#LISBOAFASHIONWEEK

Uma iniciativa conjunta

Cofinanciado por

LISBOA CÂMARA MUNICIPAL **MODALISBOA**

Lisb@20²⁰ **PORTUGAL 2020** **UNIÓN EUROPEA** Fondo Europeo de Desenvolvemento Regional

Parceiro Tecnológico: **altice** Patrocinios: **L'ORÉAL PROFESSIONNEL PARIS** & **Renova** Perfumes & Companhia Viatura oficial: **LEXUS** Hotel oficial: **LISBOA** IBEROSTAR SELECTION Parceiro Mobilidade: **Uber** Apoios: **TURISMO de LISBOA** **EXÉRCITO**

Parceiros: **ITFUTURE** **CEMUSA** **KONICA MINOLTA** **Tarkett** wonder|wall **POLIMODA** **LAUNCH METRICS** **RTP** **ANTENA 3** **fashiontv**

Parceiros de Media: **SAPO** **PAO**

O FUTURO DO RETRO



MERRELL.

Alpine Sneaker

Assume a tendência retro com estes ténis que não vais querer descalçar. Numa combinação de pele e nylon na parte exterior e interior em malha ventilada, estão disponíveis em várias cores para combinar com o teu estilo. Os Alpine Sneaker vão ter um papel de destaque este Outono Inverno.

- Palmilha removível Kinetic Fit™ Base para maior flexibilidade e suporte
- Sola intermédia em EVA para estabilidade e conforto